

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE LIBRAS/PORTUGUÊS

MARIA RITA FRANCISCA SILVA

**A ESCOLA NA VIDA DE MULHERES JOVENS E ADULTAS: AS
MOTIVAÇÕES PARA VOLTAR A ESTUDAR, OS OBSTÁCULOS
ENFRENTADOS E O EMPODERAMENTO FEMININO**

APARECIDA DE GOIÂNIA

2023

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: [MARIA RITA FRANCISCA SILVA](#)

Matrícula: [20182090080050](#)

Título do Trabalho: [A ESCOLA NA VIDA DE MULHERES JOVENS E ADULTAS: AS MOTIVAÇÕES PARA VOLTAR A ESTUDAR, OS OBSTÁCULOS ENFRENTADOS E O EMPODERAMENTO FEMININO](#)

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).
Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:
☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

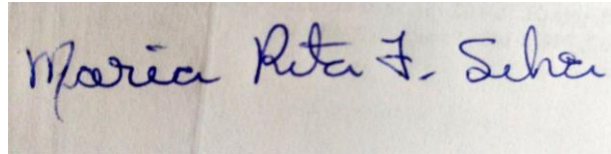
de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;

- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 04/04/2023.

Local

Data

A photograph of a handwritten signature in blue ink on a light-colored, slightly textured paper. The signature is written in a cursive, flowing style and reads "Maria Rita F. Silva".

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

MARIA RITA FRANCISCA SILVA

**A ESCOLA NA VIDA DE MULHERES JOVENS E ADULTAS: AS
MOTIVAÇÕES PARA VOLTAR A ESTUDAR, OS OBSTÁCULOS
ENFRENTADOS E O EMPODERAMENTO FEMININO**

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Pedagoga Bilíngue.

Orientadora: Prof. Dra. Keith Daiani da Silva Braga

APARECIDA DE GOIÂNIA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586 Silva, Maria Rita Francisca
A escola na vida de mulheres jovens e adultas: as motivações para voltar a estudar, os obstáculos enfrentados e o empoderamento feminino. / Maria Rita Francisca Silva. - Aparecida de Goiânia, 2023.
87 f.

Orientadora: Dra. Keith Daiani da Silva Braga
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Pedagogia Bilingue, 2023..

1. EJA. 2. Mulheres. 3. Gênero. 4. Raça. 5. Empoderamento Feminino. I. Título

CDD 374

Catalogação na publicação:
Suzane Gonçalves Duarte Peixoto CRB 1/2746

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA RITA FRANCISCA SILVA

**A ESCOLA NA VIDA DE MULHERES JOVENS E ADULTAS: AS MOTIVAÇÕES PARA
VOLTAR A ESTUDAR, OS OBSTÁCULOS ENFRENTADOS E O EMPODERAMENTO
FEMININO**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Aparecida de Goiânia como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Bilíngue Libras/Português e desenvolvido na linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade sob orientação da Profa. Dra. Keith Daiani da Silva Braga.

Aprovado em 06 de fevereiro de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Profa. Dra. Keith Daiani da Silva Braga (Presidenta - orientadora)

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Gessica Filgueiras Milagre (Membra Interna)

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Ruskaia Fernandes Mendonça (Membra Interna)

Documento assinado eletronicamente por:

- Gessica Filgueiras Milagre, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO , em 13/02/2023 08:21:11.
- Ruskaiia Fernandes Mendonca, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 11/02/2023 10:13:15.
- Keith Daiani da Silva Braga, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 11/02/2023 00:09:50.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 29/01/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 368539

Código de Autenticação: 8677027e55



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
(62) 3507-5959 (ramal: 5959)

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

DADOS GERAIS DO TCC	
Curso	Licenciatura em Pedagogia Bilíngue
Título	A escola na vida de mulheres jovens e adultas: as motivações para voltar a estudar, os obstáculos enfrentados e o empoderamento feminino
Linha de Pesquisa	Educação, cultura e sociedade
Estudante	Maria Rita Francisca Silva
Orientadora	Profa.Dra. Keith Daiani da Silva Braga
Data da defesa	06/02/2023
Local da defesa	IFG campus Aparecida de Goiânia
Horário da defesa	19 horas

COMPOSIÇÃO DA MÉDIA FINAL DO TCC (escala: 0,0 – 10,0)	
Avaliação da Banca Examinadora	M= <u>Orientador+ Examinadorexterno+ Examinador IFG</u> 3
AVALIAÇÃO DO TCC: 10+ 10+ 10	
MF - MÉDIA FINAL	: 10
Tendo por base a avaliação e média final obtida do TCC, a banca examinadora julga o TCC como: (x) APROVADO SEM RESTRIÇÕES (MF ≥ 6,0). () APROVADO COM RESTRIÇÕES (MF ≥ 6,0) e apresenta indicações de correções a seguir. () REPROVADO (MF < 6,0) e apresenta justificativa a seguir.	
Justificativa e/ou descrição das indicações de correções:	

Cientes da presente avaliação, assinam a seguir:

Orientadora(o):

(assinado eletronicamente)

Profa.Dra. Keith Daiani da Silva Braga

Examinadora(o) 1:

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Gessica Filgueiras Milagre

Examinador 2:

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Ruskaia Fernandes Mendonça

De acordo com o artigo 23 da Resolução nº 28 de 11 de agosto de 2014, que dispõe sobre o Regulamento dos TCC dos cursos de graduação do IFG, deve-se ainda durante o ato de defesa:

“§ 2º Em caso de **aprovação sem restrições**, no ato da defesa, o termo de aprovação será assinado pelo orientador e pelos demais membros da banca de avaliação do TCC.

§ 3º Em caso de **aprovação com indicação de correções**, o termo de aprovação será assinado apenas pelos dois membros convidados para compor a banca, ficando a assinatura do orientador condicionada à conclusão adequada das correções sugeridas, que deverá ocorrer no prazo máximo de 30 dias.” (grifo nosso)

Dessa forma, caso o TCC seja **APROVADO COM RESTRIÇÕES**, o(s) estudante(s) se compromete(m) a realizar as correções indicadas pelos membros da banca examinadora, bem como o(a) orientador(a) se compromete a verificar se alterações foram devidamente realizadas.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Gessica Filgueiras Milagre, PROF ENS BAS TEC TECNOLOGICO-SUBSTITUTO**, em 13/02/2023 08:21:26.
- **Ruskaia Fernandes Mendonça, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 11/02/2023 10:12:43.
- **Keith Daiani da Silva Braga, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO**, em 11/02/2023 00:08:47.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 29/01/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia,
APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP74968-755

(62) 3507-5959 (ramal: 5959)

Pandogue desde que você se foi para a morada eterna, todas as madrugadas espero ouvir o som da sua moto chegando a nossa casa. Te amarei pela eternidade, meu Tanguinha! Jean Luiz - 24/11/1990 - 29/09/2018.

AGRADECIMENTOS

Tenho tantas coisas que agradecer. Em primeiro lugar a Deus, fonte de toda sabedoria pelos dons que me deu nessa encarnação que servirão para a realização dessa pesquisa. Sou grata ao meu amado Jesus Cristo, por sempre iluminar o meu caminho e não me deixar desistir diante dos obstáculos, das perdas que tive durante essa trajetória, que foram tantas, algumas irreparáveis.

Sou imensamente grata à minha orientadora, Dra. Keith Daiani da Silva Braga por sempre me indicar a direção certa que a minha pesquisa deveria seguir, que foi muito além das suas responsabilidades como educadora, pela confiança depositada em mim, pela escuta sensível principalmente no momento em que passava por uma depressão onde nem eu acreditava no meu potencial.

Como sou grata a toda equipe do IFG-Aparecida de Goiânia: as minhas professoras e professores pela transmissão e troca de conhecimentos, a equipe técnica administrativa e pedagógica por todo auxílio, a Tia Izabel da recepção por ser amiga, confidente e psicóloga dos estudantes, as tias do restaurante e da limpeza que sempre me trataram com tanto afeto.

Família, gratidão por toda a compreensão e paciência que tiveram comigo durante mais essa graduação, que talvez não seja a última. Adriano, João Divino, João Guilherme, Cleide, Cida, Paulo, Priscilla e Gabi amo vocês e sei que sou retribuída. Sou grata pelas palavras de incentivo e por me mostrar a hora que devo parar e dar uma pausa para me cuidar. Peço perdão pelos momentos de ausência, onde a minha compulsão por mais conhecimentos, roubou um tempo de qualidade que deveria estar junto de vocês.

Durante esse período no IFG, fiz grandes amigas e amigos que levarei para sempre no meu coração. Vocês são a melhor parte do IFG. Como sou feliz de ter conhecido e convivido com todos vocês minhas amigas e amigos surdos e ouvintes.

Quero Agradecer a Deus todos os dias por ter colocado uma “PLINCESA”, tão maravilhosa no meu caminho. Serei sempre grata a minha melhor amiga/irmã Wiviane Venâncio, pessoa que conheci aqui no Curso de Pedagogia Bilíngue, pessoa com quem compartilhei grandes alegrias e momentos de aprendizado e também a pessoa com quem passei por grandes dificuldades, uma sempre auxiliando a outra para vencermos as dores, uma por uma.

Agradeço a minha terapeuta, Isadora que sem ela não conseguiria ter concluído esse curso e resolver questões internas tão difíceis e me aceitar assim como sou.

Ao meu médico Dr. Irom Marques que é como um anjo na minha vida, cuidando da minha saúde e bem estar com muito carinho e dedicação.

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada creem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais.
(KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. – janeiro de 1863.)

E o sonho de Paulo foi, indubitavelmente, o de que todos os seres humanos, independentemente de cor, religião, raça, etnia ou gênero, pudessem ser gente. Gente que possa escrever e ler. Gente que tenha onde morar bem e escola para estudar. Gente que possa sonhar os seus sonhos e trazer consigo os de sua família e sua sociedade para transformá-la. Gente que possa entender que “mudar é difícil mas é possível”.
(Freire, Ana Maria de Araújo, 2018).

RESUMO

Esta monografia encontra-se inserida na linha de pesquisa “Educação, cultura e sociedade”, e tem como tema a escola na vida de mulheres da EJA. Sabemos que as mulheres estudantes da EJA têm suas trajetórias de vida marcadas pela exclusão, que além da situação socioeconômica temos que frisar a questão de gênero e de raça. Com um olhar de gênero percebemos que muitas mulheres foram proibidas de estudar na infância para trabalhar no serviço doméstico e auxiliar no sustento da família. Já em relação à questão racial, percebe-se que a maioria das mulheres educandas da EJA são negras ou pardas, trabalhadoras que atuam no espaço doméstico: diaristas, empregadas domésticas, babás e cuidadoras sendo essas atuações vinculadas ao servir e cuidar, com isso compreendemos que a mulher negra tem menos acesso a escola e a empregos com melhores salários. Em nosso estudo entendemos que através da inserção em uma turma de EJA, as mulheres podem ter a oportunidade de se empoderar através da educação. Assim, a monografia tem como objetivo analisar o papel da escola na vida das mulheres da EJA. Os objetivos específicos são os seguintes: Descobrir quais as motivações das mulheres para voltarem a estudar; compreender os obstáculos que as mulheres enfrentam para estudar; analisar as possíveis contribuições da EJA para o empoderamento feminino. A base teórica são os estudos de gênero feitos pelas seguintes autoras e autores: Bastos e Eiterer (2016, 2017, 2018, 2021), Furlani (2016), Eiterer e Escoura (2014), Godinho (2017), Gomes (2005), Lins, Machado e Escoura (2016), Minayo (2021) e Alves (2021). Metodologicamente, para alcançar tais objetivos foi realizado uma pesquisa qualitativa, bibliográfica a partir de artigos, livros e pesquisas de mestrado e doutorado sobre mulheres da EJA nos repositórios da CAPES e do IBICT. Foram selecionados os trabalhos de Bastos (2011; 2017), Ferreira (2017), Leal (2017) e Neres (2020). Os resultados foram organizados em três eixos de acordo com os objetivos específicos. O primeiro são os obstáculos para estudar, se identificou como principais fatores a vulnerabilidade socioeconômica; o trabalho, principalmente doméstico, e os cuidados com a família e a casa. O segundo, as motivações para o regresso à escola: busca de melhores condições de trabalho; estudos posteriores (cursos, habilitação) e a busca pela autoestima, autonomia, sociabilidade e apoio. No último eixo, identificamos as contribuições da EJA para o empoderamento: no trabalho; nos estudos; em melhoria de qualidades, autoestima e comunicação; e na construção da consciência crítica em relação à gênero e raça.

Palavras-chave: EJA; Mulheres; Gênero; Raça; Empoderamento Feminino.

ABSTRACT

This monograph is inserted in the line of research, Education, culture and society, and has as its theme the school in the lives of women in EJA. We know that women students of EJA have their life trajectories marked by exclusion, that in addition to the socioeconomic situation, we have to emphasize the issue of gender and race. With a gender perspective, we realize that many women were forbidden to study in childhood to work in domestic service and help support the family. In relation to the racial issue, it is noticed that the majority of women students of the EJA are black or brown, workers who work in the domestic space: day laborers, maids, nannies and caregivers, and these actions are linked to serving and caring, with this we understand that black women have less access to school and better-paying jobs. In our study, we understand that through insertion in an EJA class, women can have the opportunity to empower themselves through education. Thus, the monograph aims to analyze the role of the school in the lives of EJA women. The specific objectives are the following: To discover the women's motivations for going back to school; Understand the obstacles women face to study; Analyze the possible contributions of EJA for female empowerment. The theoretical basis is the gender studies carried out by the following authors: Bastos and Eiterer (2016, 2017, 2018, 2021), Furlani (2016), Eiterer and Escoura (2014), Godinho (2017), Gomes (2005), Lins, Machado and Escoura (2016), Minayo (2021) and Alves (2021). Methodologically, to achieve these objectives, a qualitative, bibliographical research was carried out based on articles, books and master's and doctoral research on women in EJA in the CAPES and IBICT repositories. The works by Bastos (2011; 2017), Ferreira (2017), Leal (2017), Neres (2020) were selected. The results were organized into three axes according to the specific objectives. As for the obstacles to study, socioeconomic vulnerability was identified as the main factors; work, mainly domestic work, and taking care of the family and the house. Motivations for returning to school are concentrated in the search for better working conditions; further studies (courses, habilitation) and the search for self-esteem, autonomy, sociability and support. In the last axis, we identified contributions to empowerment at work; in the studies; in improving qualities, self-esteem and communication; and in building critical awareness of gender and race.

Keywords: EJA; Women; Genre; Race; Female Empowerment.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. CAPÍTULO 1: CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA	15
3. CAPÍTULO 2: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE AS MULHERES NA EJA: QUESTÕES RACIAIS E DE GÊNERO.....	23
3.1 CONCEPÇÕES SOBRE O QUE É A EJA?.....	23
4. CAPÍTULO 3: NARRATIVAS DA VIDA DE MULHERES DA EJA: AS MOTIVAÇÕES PARA VOLTAR A ESTUDAR, OBSTÁCULOS ENFRENTADOS E EMPODERAMENTO FEMININO.....	38
5. EIXO 1 – OBSTACULOS PARA ESTUDAR: DIFICULDADES VIVIDAS NA IFANCIA QUE IMPEDIRAM O ESTUDO E AS DIFICULDADES ATUAIS DE PERMANECEREM NA ESCOLA, NA EJA.....	40
6. EIXO 2 – MOTIVAÇÃO PARA ESTUDAR.....	56
7. EIXO 3- A EJA E O EMPODERAMENTO DAS MULHEREA	66
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS.....	81

INTRODUÇÃO

A presente monografia, intitulada “A escola na vida de mulheres jovens e adultas: as motivações para voltar a estudar, os obstáculos enfrentados e o empoderamento feminino”, tem como objetivo geral analisar o papel da escola na vida das mulheres estudantes da EJA.

As perguntas que nortearam a pesquisa foram as seguintes: Quais as motivações das mulheres para voltarem a estudar? Quais são os obstáculos que as mulheres enfrentam para estudar? Quais as possíveis contribuições da EJA para o empoderamento feminino?

Como metodologia para responder tais questionamentos utilizamos a pesquisa qualitativa bibliográfica, que é aquela que não lida com números e sim com palavras em que o importante é interpretar e compreender o tema pesquisado.

Esta pesquisa se utilizou de artigos, livros e pesquisas de mestrado e doutorado sobre mulheres da EJA nos repositórios da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) para alcançar as perguntas-objetivos propostos. E as escolhidas foram: as dissertações de mestrado de Ludimila Corrêa Bastos (Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA, 2011), Maristela Pereira Leal (As Inter-Relações entre Discriminação Racial, de Gênero e Exclusão Social na Trajetória de Mulheres Negras da EJA, 2017) e de Efigênia Alves Neres (Histórias que se cruzam na EJA: as trajetórias de vida de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional, 2020); e as teses de doutorado de Maria José Resende Ferreira (Interdições e resistências: os difíceis percursos da escolarização das mulheres na EPT, 2017) e de Ludimila Corrêa Bastos (Trabalho doméstico, relações de gênero e educação: um estudo com educandas/os da EJA, 2017).

A motivação para a escolha desta temática de pesquisa se justifica primeiramente por um interesse pessoal, enquanto mulher, das trajetórias e obstáculos vividos pelas mulheres em suas vidas e também porque desde criança mesmo sem compreender sobre o que se tratava a questão de gênero percebia que existia algo diferente, o machismo na minha família.

Cresci em um lar onde apenas meu pai pensava que tinha razão. Minha mãe além de trabalhar fora como doméstica, tinha que realizar todos os afazeres de casa e até colocar a comida do meu pai no prato para ele, que sempre reclamava que não estava ao seu gosto, e isso era pretexto para violência física constante, entre outros motivos banais.

Posso pontuar aqui, que o machismo não é algo natural com que já nascemos, mas sim uma construção cultural do meio social que é passado de uma geração para a seguinte. E essa corrente precisa ser quebrada para que esse círculo vicioso tenha fim e tenhamos uma sociedade justa para todos e todas.

Em segundo lugar, o interesse na escolha desta temática justifica-se porque que entre todas as disciplinas que cursei ao longo curso de Licenciatura de Pedagogia Bilíngue Libras/Português, a de Educação e Gênero foi a que causou maior impacto em mim. Tinha tantas coisas que aconteciam diante dos meus olhos de forma romantizada que pensava ser normal, a sociedade naturaliza o machismo de tal forma que nós mulheres não o percebemos em nossas próprias atitudes e assim ele continua firme e forte em nosso meio.

Nas falas da professora da Disciplina de Educação e Gênero e nos diálogos com os colegas de turma, comecei a ter uma melhor visão do que é empoderamento feminino e da sua importância. Infelizmente percebi que grande parcela das mulheres não sabe do que se trata. Em várias temáticas tratadas na disciplina, tinha o conhecimento raso ou em alguns casos até equivocado devido à grande parte do que conhecia a respeito de gênero proceder das falas de políticos que se utilizam desse tema para causar polêmica e ganhar visibilidade. Eles provocam uma mobilização social contra a ascensão dos direitos das mulheres com o intuito de deixar a sociedade assim como ela está ou em muitos casos retroceder. Em outros casos, meu conhecimento de gênero vinha do que é pregado pela mídia.

Outra experiência que me fez escolher esse tema de pesquisa foi o contato com as mulheres da EJA na disciplina de Estágio Curricular Supervisionado - Educação de Jovens e Adultos e Educação Não formal – EJA. No momento da entrevista com as alunas das duas escolas onde estagiamos remotamente com turmas de Ensino Fundamental I, me causou profundo impacto as falas de como essas mulheres jovens e adultas tiveram que

abandonar a sala de aula precocemente e em alguns casos nem chegaram a ter a oportunidade de frequentar os bancos da escola.

Tenho que ressaltar a relevância social deste trabalho, visto que a mulher tem em seu passado um contexto histórico de exclusão, inclusive da educação, assim como mostra a relação entre os estudos de gênero e as alunas jovens e adultas que retornaram à sala de aula para cursar a EJA, conforme comentei anteriormente. Nesta monografia fazemos uma reflexão sobre o papel da escola na vida das mulheres estudantes da EJA, e descobrimos alguns dos motivos das mulheres voltarem a estudar, assim como compreendemos um pouco sobre os obstáculos que as mulheres enfrentam para estudar e analisamos as possíveis contribuições da EJA para o empoderamento feminino.

Do ponto de vista acadêmico, ressalto a importância deste estudo para a área educacional futuramente, considerando que existem muitas discussões a respeito da EJA em trabalhos científicos, livros, revistas, também existem vários estudos que têm como questão norteadora o gênero, contudo poucos têm como centralidade as necessidades das mulheres estudantes da EJA como, por exemplo: as mulheres param de estudar por questões não apenas de natureza socioeconômica, mas também de gênero como a gravidez precoce, para cuidar da família, por conta do machismo das pessoas da família e isso deve ser investigado.

A relevância deste trabalho é que vai ser uma contribuição para o debate do tópico de gênero dentro da EJA porque eu enquanto futura educadora buscarei formar futuras cidadãs autônomas, empoderadas e conhecedoras de seu lugar na sociedade e cidadãos com a masculinidade menos opressora, mais justos e livres.

Os resultados do estudo bibliográfico aqui feito foram embasados teoricamente nos estudos de gênero na educação. Também discutimos as questões raciais na vida das mulheres da EJA. Os seguintes autores e autoras fizeram parte do nosso referencial: Louro (2002), Stamatto (2002), Lins, Machado e Escoura (2016), Vígano e Laffin (2016), Bastos e Eiterer (2016, 2017, 2018, 2021), Furlani (2016), Eiterer e Escoura (2014), Godinho (2017), Gomes (2005), Minayo (2021) e Alves (2021).

Para apresentar melhor toda a pesquisa, este Trabalho de Conclusão de Curso está organizado em três capítulos: o primeiro retrata o caminho

metodológico da pesquisa em forma detalhada com seu passo a passo de aprofundamento a respeito da EJA, gênero, mulher, raça e empoderamento feminino. Durante essa trajetória investigativa, houve momentos destinados a reflexão e crítica a respeito da pesquisa realizada e a exposição dos instrumentos utilizados.

O segundo capítulo está baseado nas reflexões teóricas sobre as mulheres na EJA, destacando a relação intrínseca entre raça e gênero. Nesta parte têm a definição do que vem a ser a EJA, e os obstáculos enfrentados pelas mulheres para permanecer estudando ou voltar a estudar como, por exemplo, o machismo de pais e companheiros, ter que cuidar da família, ter que optar entre estudo e trabalho, questões raciais, maternidade, gravidez na adolescência, entre tantos outros. Também traz reflexões sobre a escola como espaço de empoderamento para essas mulheres, alunas da EJA.

No terceiro capítulo está a análise de dados empíricos (narrativas) pesquisados em teses e dissertações selecionadas, nos quais buscamos as respostas das questões norteadoras da pesquisa: Quais as motivações das mulheres para voltarem a estudar? Quais são os obstáculos que as mulheres enfrentam para estudar? Quais as possíveis contribuições da EJA para o empoderamento feminino? Para facilitar a compreensão este último capítulo é dividido em três eixos, sendo o primeiro “Motivações para voltar a estudar”, o segundo eixo é chamado de “Obstáculos para a mulher voltar a estudar” e o último tem como tema “A EJA como empoderamento feminino.

Esta monografia se encerra com as considerações finais e as referências.

CAPÍTULO 1: CAMINHO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa bibliográfica. Ou seja, aquela pesquisa em que não lidamos com números, mas com palavras, sentimentos, emoções, opiniões que estão contidas nos dados. Na pesquisa qualitativa o importante é interpretar e compreender o tema pesquisado, os sentimentos envolvidos ali, os pensamentos e os significados. Neste trabalho pretendemos interpretar e compreender o papel da escola na vida das mulheres estudantes da EJA.

Para Minayo (1994) a análise de dados coletados não deve ser compreendida sozinha pela pesquisadora ou pesquisador, e sim, em um sentido mais amplo junto com a sua devida interpretação propiciada pelo referencial teórico: textos, artigos, livros que guiam o olhar de quem pesquisa.

Esta pesquisa também foi de cunho bibliográfico. Para Gil (2008, p. 50):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo.

As autoras e autor Angélica Silva de Sousa, Guilherme Saramago de Oliveira e Laís Hilário Alves em seu artigo, “A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos” (2021) definem pesquisa bibliográfica como um conjunto de dados que se encontram em documentos impressos ou digitais, artigos, dissertações, livros publicados entre outras publicações que podem ser usadas como base teórica para o desenvolvimento da pesquisa.

Neste mesmo artigo ainda, elas e ele, citam que a pesquisa bibliográfica tem um benefício adicional que é o baixo custo devido encontrar grande acervo na internet e também a vastidão de obras existentes para melhor compreensão do assunto pesquisado. Levando em conta esses dados, nesta pesquisa referente às narrativas das mulheres da EJA, não houve despesas com custos em relação à pesquisa devido ela ser de cunho bibliográfico. Mas se esta pesquisa não fosse bibliográfica teria gastos com transporte para deslocamento,

material para entrevista, tempo para transcrição da entrevista, encontrar as mulheres que seriam entrevistadas, impressão e xerox do termo de consentimento, tempo para aguardar decisão do comitê de ética do IFG. Por isso, é possível compreender que a pesquisa bibliográfica é viável e pode ser feita por alunas e alunos da graduação sem bolsa ou financiamento.

Através da pesquisa bibliográfica ocorreu o amadurecimento do tema que foi delimitado para este projeto e do entendimento do que é gênero, raça e empoderamento e assim formulamos as perguntas da pesquisa: quais os motivos que fizeram as mulheres voltarem a estudar? Quais os obstáculos que as mulheres enfrentam para estudar? E quais as possíveis contribuições da EJA para o empoderamento feminino?

Estas questões se tornaram os objetivos específicos deste estudo. Para alcançá-los, é apresentado a seguir a metodologia deste projeto em tópicos para melhor compreensão, de quem lê, do caminho que foi trilhado:

1º Passo: O primeiro passo da pesquisa foi ler a respeito das mulheres da EJA e fazer fichamento de pesquisas empíricas que abordam essa temática. Neste momento de leitura inicial da pesquisa o intuito foi de aproximação de dados colhidos através das narrativas colhidas por pesquisadoras de EJA para assim entender se a pergunta norteadora da pesquisa era viável, como também o interesse em pesquisar gênero, raça e empoderamento.

Os primeiros textos que foram lidos nessa etapa, são de Carmem Lucia Eiterer que é Doutora em educação e professora. A mesma atua também, como pesquisadora da área de Educação de Jovens e Adultos. Os textos que foram lidos são: Aspectos da escolarização de mulheres na EJA (2014), Educação de Jovens e Adultos e interseccionalidade: mulheres negras e idosas, trabalhadoras e estudantes (2021), Trabalho doméstico, relações de gênero e educação de adultos (2018), Reconfiguração das relações de gênero e cotidiano das mulheres educandas da EJA (2017).

2º Passo: Foi cursar a disciplina de TCC1 enquanto era feito leitura e fichamento sobre o tema das mulheres na EJA. Ao cursar a Disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso I, foi ensinado a fazer pesquisa e como é realizado um estudo bibliográfico. Os textos utilizados nesta disciplina foram os seguintes: A ciência como forma de conhecimento, do autor Carlos Alberto Ávila Araújo (2006), Metodologia do trabalho científico, de Antônio Joaquim

Severino(2014), Fundamentos de metodologia científica, das autoras Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos (2003) que foi utilizado aqui nessa fundamentação metodológica, O primeiro projeto de pesquisa: algumas orientações, da autora Ana Cristina Teodoro da Silva (s/a), também os capítulos iniciais do livro de Antonio Carlos Gil, Como elaborar projetos de pesquisa (2002); A metodologia científica em pesquisas educacionais: pensar e fazer ciência, de Priscilla Bibiano de Oliveira Mendonça (2017), Ética na pesquisa e o lugar do pesquisador no mundo, de José de Arimathéia Cordeiro Custódio (s/a), Pesquisa social: Teoria, método e criatividade, organizado por Maria Cecília de Souza Minayo (1994) que foi utilizado neste estudo..

3º Passo: Depois de ter um momento de conhecimento inicial com os textos de Eiterer, se iniciou o conhecimento mais aprofundado a respeito da temática da pesquisa, sendo assim, iniciou um levantamento mais aprofundado e escolha de autoras, dos estudos raciais e de gênero, que se encaixavam na pesquisa. Esse levantamento levou em consideração três blocos: 1- Textos sobre gênero e machismo na vida escolar das mulheres, 2- Textos sobre a questão racial e o racismo na vida escolar das pessoas negras, 3- Textos que abordavam a Educação de Jovens e Adultos, o pensamento de Paulo Freire e da educação popular e feminista e suas contribuições para o empoderamento das mulheres.

4º Passo: Leitura e estudo dos pilares da pesquisa: Gênero, Raça e EJA. Nessa fase da pesquisa foram feitos fichamentos para aprender os conceitos principais que abarcam gênero, raça e EJA para o melhoramento do referencial teórico do projeto.

Dentre os textos lidos e que está contido nesse trabalho podemos destacar o fichamento do livro, “Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola”, das autoras e autor, Lins, Machado e Escoura (2016) sobre a questão de gênero e também o texto: “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão”, da autora Nilma Lino Gomes (2005) sobre raça. Sobre o empoderamento, as leituras feitas foram: Trajetória de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no empoderamento feminino da autora Yasmin Cardoso Alves (2021); Contribuições do pensamento freireano para a escolarização de mulheres trabalhadoras na educação de jovens e adultos escrito por Ana Cláudia Ferreira Godinho, Ana Catharina

Mesquita Noronha, Nágela Aparecida Brandão (2017); A educação de jovens e adultos como um espaço de empoderamento das mulheres de Samira de Moraes Maia Vígano e Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin (2016); Medo e ousadia: o cotidiano do professor de Paulo Freire e Ira Shor (1986); A pedagogia libertadora de Freire como possibilidade de empoderamento da mulher na EJA: Sempre queremos aprender": a EJA e o empoderamento da mulher na educação pública de Teresina (PI) de Verônica de Oliveira Leal (2017); Dicionário Paulo Freire de Danilo R. Streck, Euclides Redin e Jaime José Zitkoski; Empoderamento Femininos Plurais de Joice Berth (2019); Empoderamento: instrumento de emancipação Social? – uma discussão conceitual escrito por Rute Vivian Angelo Baquero (2012); Filosofia Política, Conhecimento e Educação de Eduardo F. Chagas, Manoel Jarbas Vasconcelos Carvalho e Wildiana Kátia Monteiro Jovino.

5º Passo: Finalização do projeto. Nessa etapa aconteceu a ampliação do pré projeto de TCC, que foi construído de maneira aligeirada devido ter tido alguns problemas de saúde na época da escrita e o período de protocolar o trabalho junto a instituição de ensino ser curto. Já para o projeto, teve um semestre para ser escrito. Ocorreu nesse período um grande aprofundamento teórico em relação ao conceito de gênero e também sobre o que é raça e a relação intrínseca desses conceitos com as vidas das mulheres estudantes da EJA.

Compreendi que gênero é a construção do que consideramos comportamentos adequados para as mulheres perante a sociedade e do que consideramos comportamentos de homens, através dessas diferenças encontradas entre os sexos se forma as relações de poder onde o gênero feminino sempre se encontrar em uma posição de inferioridade em relação ao gênero masculino. A raça se relaciona com as características físicas das pessoas como a cor da pele e o tipo de cabelo. Assim como gênero, a raça é uma construção social que pode chegar a determinar os espaços que as pessoas podem chegar a ocupar, por considerar as pessoas brancas superiores que as demais, como as negras e indígenas, subjugando quem considera inferior, a esse fato (hierarquização) chamamos de racismo.

O maior desafio encontrado durante esse processo de escrita foi encontrar materiais que abordassem o empoderamento feminino das mulheres da EJA. Naquele momento não encontramos muitos no levantamento

bibliográfico sobre empoderamento na EJA. Durante o período de férias, foi feito o levantamento, e encontrado os materiais que estão contidos aqui.

Nessa fase da pesquisa chegamos à conclusão que a sociedade só vai se tornar um ambiente saudável para todos quando as pessoas pararem de tratar as outras se utilizando das diferenças e interromperem o comportamento de dominação de outros seres humanos. Compreendemos que devemos valorizar os sujeitos pelo fato de serem pensantes e produtivos, e não devido a sua raça, gênero, sexualidade, classe social entre outros.

6º Passo: cursar a Disciplina de TCC II e aprofundar os conhecimentos sobre pesquisa. Ao cursar TCC1, o objetivo é a construção do projeto, já na disciplina de TCC2 é o momento da escrita dos capítulos da monografia, em que se chega ao resultado da pesquisa. Houve no decorrer da disciplina diversos momentos em que a turma se reuniu para a troca de experiências, ocorreu desabafos a respeito das dificuldades em relação à escrita da monografia e apoio entre todas e todos para ninguém ficar sem concluir o seu trabalho. Na disciplina de TCC2 foi trabalhado em sala de aula o que é uma monografia, o livro Metodologia do trabalho científico de Antônio Joaquim Severino (2013); Orientação básica para elaboração de trabalho de conclusão de curso Janice Tirelli Ponte de Souza, Luiz Carlos de Assumpção Neves e Luzia Marta Bellini (2011); o artigo de opinião, A triste prática do plágio que foi publicada no jornal O Estado do Maranhão (2011); O livro Pesquisa em ciências humanas e sociais de Antônio Chizzotti (2000) e o livro Introdução à pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação de autoria de Augusto N. S. Trivinos (2013).

7º Passo: Pesquisar as narrativas empíricas de vida das mulheres da EJA: Nessa fase foram feitas consultas nos repositórios CAPES, IBICT e google acadêmico para a escolha das pesquisas (mestrado, doutorado) que fazem parte desta análise. Foram escolhidas pesquisas feitas por outras pessoas para colher as narrativas das mulheres da EJA porque esta pesquisa é bibliográfica. Quando pesquisamos as histórias de vida dessas mulheres, foi para responder às seguintes perguntas: por que elas voltaram a estudar? Quais os obstáculos que enfrentaram ao longo da vida para estudar? Quais as contribuições da EJA para o empoderamento delas? Abaixo se apresenta o quadro 1 com todas as pesquisas encontradas durante o levantamento bibliográfico para caso alguém

se interesse por esse tipo de pesquisa. E em seguida se encontram as pesquisas escolhidas para análise de uma forma um pouco mais detalhada.

Quadro: Pesquisas encontradas no levantamento bibliográfico

Autora/ Autor	Título da pesquisa	Nível	Local e Ano
Verônica de Oliveira Leal	"Sempre queremos aprender": A EJA e o empoderamento da mulher na educação pública de Teresina (PI).	Mestrado	São Paulo, 2018
Fernanda Maria Lira de Menezes	PROEJA Mulheres: um olhar atento às questões do empoderamento feminino.	Mestrado	Recife, 2020
Efigênia Alves Neres	Histórias que se cruzam na EJA: As trajetórias de vida de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional.	Mestrado	Teresina-PI, 2020
Renata Batista Lopes	De casa para outras casas: Trajetórias socioespaciais de trabalhadoras domésticas residentes em Aparecida de Goiânia e trabalhadoras em Goiânia	Mestrado	Goiânia, 2008
Juliana da Rosa Brochado	Mulher, negra e estudante: gênero e raça na educação de jovens e adultos	Mestrado	Jaguarão, 2018
Maria Priscila dos Santos De Jesus	Educação e Relações Raciais: Um olhar sobre a educação de jovens e adultos no bairro da Rua Nova na Cidade de Feira de Santana	Mestrado	Salvador 2013
Ludimila Corrêa Bastos	Trabalho Doméstico, Relações De Gênero e Educação: um estudo com educandas/os da EJA	Doutorado	Belo Horizonte 2017
Maria José de Resende Ferreira	Interdições e resistências: os difíceis percursos da escolarização das mulheres na EPT	Doutorado	Vitória, 2017
Christiane Evelyn Teixeira Leoncy	Mulheres na EJA: Questões de identidade de gênero	Mestrado	Campinas, 2013
Ludimila Corrêa Bastos	Traçando metas, vencendo desafios: Experiências escolares de mulheres egressas da EJA	Mestrado	Belo Horizonte, 2011
Maristela Pereira Leal	As Inter-Relações entre Discriminação Racial, de Gênero e Exclusão Social na	Mestrado	Brasília, 2017

	Trajetória de Mulheres Negras da EJA		
--	--------------------------------------	--	--

Fonte: Repositório CAPES, IBICT e Google Acadêmico. Elaboração própria.

8º Passo: Nesse tópico se encontra um breve resumo das pesquisas que foram utilizadas para a construção deste trabalho. Que fique claro que foi utilizado como base para a escolha o fato de possuírem muitas narrativas com riqueza de detalhes de mulheres estudantes da EJA.

As pesquisas escolhidas foram os estudos de Ludimila Corrêa Bastos - Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA (2011), Ludimila Corrêa Bastos - Trabalho doméstico, relações de gênero e educação: um estudo com educandas/os da EJA (2017), Maristela Pereira Leal - As Inter-Relações entre Discriminação Racial, de Gênero e Exclusão Social na Trajetória de Mulheres Negras da EJA (2017), Maria José Resende Ferreira – Interdições e resistências: os difíceis percursos da escolarização das mulheres na EPT, e a dissertação de Efigênia Alves Neres - Histórias que se cruzam na EJA: as trajetórias de vida de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional (2020).

9º Passo: Organizar as narrativas das mulheres da EJA e realizar a análise dos dados.

10º Passo: Escrita dos capítulos do TCC. Essa pesquisa é composta por três capítulos de acordo com os objetivos, com a organização e análise dos dados referentes às respostas das mulheres da EJA. O primeiro capítulo é o caminho metodológico da pesquisa, este foi o primeiro capítulo escrito do trabalho, com o objetivo de guiar os passos da monografia, por isso escrito ao longo do processo de estudo. O segundo capítulo tem como título “reflexões teóricas sobre as mulheres na EJA: questões raciais e de gênero”, este capítulo começou a ser desenvolvido na fundamentação teórica do projeto com a discussão a respeito de gênero, raça e empoderamento; e o terceiro capítulo tem como temática “narrativas de vida de mulheres da EJA: as motivações para voltar a estudar, obstáculos enfrentados e empoderamento feminino” este capítulo relata as histórias de vidas das alunas em casa, no trabalho e as negociações feitas por elas juntos a família e patrões para conseguirem estudar.

11º Passo: Defesa e entrega do trabalho. O último passo é a apresentação do trabalho para uma banca que possua domínio a respeito da temática trabalhada nesta monografia. A banca faz o trabalho de análise da escrita e apresentação e ao final sugere correções para o aprimoramento da monografia. Após a apresentação para a banca, o trabalho é corrigido, protocolado e disponibilizado no repositório da biblioteca do IFG para que as pessoas possam ler e conferir na íntegra os resultados da pesquisa.

CAPÍTULO 2: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE AS MULHERES NA EJA: QUESTÕES RACIAIS E DE GÊNERO

Para melhor compreensão de como são as questões ligadas à mulher, aluna da Educação de Jovens e Adultos – EJA, primeiro vamos conhecer um pouco sobre essa modalidade de ensino em alguns documentos legais que abordam a educação brasileira.

2.1 Concepções sobre o que é a EJA?

Na Constituição Federal de 1988, em seu Art. 206 consta que o princípio do ensino é a igualdade de acesso e permanência em sala de aula. A realidade mostra, assim como esse Trabalho de Conclusão de Curso, que as oportunidades se concretizam de formas diferentes para cada cidadã e cidadão (e cada realidade) e que vários fatos, tais como a questão racial, socioeconômica, de gênero, geográfica, geracional entre outros, interferem na vida escolar das e dos estudantes.

Nossa Carta Magna em seu Art. 208 relata a obrigação do Estado com a gratuidade da educação básica na idade certa e também para quem não teve acesso a ela nesse período. A EJA se trata justamente dessa educação para as pessoas que não tiveram acesso quando eram crianças ou adolescentes.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) 9394/1996 (s/p), a lei mais importante da educação, a respeito da EJA, afirma que essa modalidade é assegurada de forma gratuita aos jovens e adultos que não tiveram oportunidade de estudar na idade dita correta:

art. 37- A Educação de Jovens e Adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria.
§ 1º - Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos (...) oportunidades educacionais apropriadas (...).

A LDB em seu artigo 37 também assegura que a EJA deve caminhar, preferencialmente, junto com a educação profissional, vinculada à educação básica e à preparação para o trabalho, visto que a melhoria nesse campo é um dos principais motivos para que essas educandas e educandos retornem aos estudos. Além disso, ao voltarem para a escola é preciso ter uma

proposta de ensino e currículo adequada, que atenda a educação básica e os interesses das alunas e alunos de se inserirem no mundo do trabalho.

De acordo com o Parecer da Câmara Básica de Educação do Conselho Nacional de Educação nº: 6/2020 (Parecer CNE/CEB 6/2020) que trata do alinhamento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) às diretrizes apresentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e outras legislações relativas à modalidade, quando a pessoa jovem e adulta retoma seus estudos, ela aumenta a probabilidade de conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho e aliado a isso, conseguir uma melhoria de vida nos aspectos sociais, culturais e econômico.

É importante destacar que uma mudança de concepção aconteceu na nossa LDB. A Lei nº 13.632, de 6 de março de 2018, altera o Artigo 37 da LDB citada anteriormente, declarando que a pessoa jovem e adulta que ainda não completou o seu ciclo de estudo pode retornar a escola quando quiser e encontrar um currículo que contemple todas as suas especificidades assim como metodológica, uma ideia de educação e a aprendizagem ao longo da vida (PARECER CNE/CEB 6/2020):

Considerando a prioridade que os sujeitos da EJA dão ao trabalho, por ser condição primeira para a sobrevivência, os 1º, 2º e 3º Segmentos da modalidade devem ser pensados, articulando formação geral e formação profissional, de forma gradual, de modo que toda a oferta seja desenvolvida com apoios pedagógicos e atenda aos interesses de vida dos sujeitos da modalidade (PARECER CNE/CEB 6/2020, p. 08).

Nesse sentido, a EJA além priorizar o seu ensino com a aprendizagem do mundo profissional, deve ter práticas pedagógicas adequadas para pessoas adultas, flexibilizar os seus horários, no início e final das aulas para que os sujeitos trabalhadores consigam adequar a rotina escolar a sua profissional e pessoal e atenção cuidadosa para manter as alunas e alunos na escola, pois cada estudante tem necessidades de vida específicas e diferente das crianças, essas e esses se responsabilizam pelo cuidado e sustento da família.

Além de conhecer os marcos legais dessa modalidade de ensino é essencial para esse estudo conhecer os sujeitos da EJA afinal, são eles os alvos

da nossa pesquisa. A EJA é composta em sua maioria por pessoas negras e de baixa renda, como apontam os dados a seguir.

A reportagem “Negros são 71,7% dos jovens que abandonam a escola” de Isabela Palhares, publicada no dia 15 de julho de 2020 no Jornal Folha de São Paulo, traz dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019 que apontam que a maioria dos jovens e adultos com idade entre 14 e 19 anos que ainda não concluíram a Educação Básica se afastaram da escola para trabalhar, a evasão escolar nessa faixa etária de jovens e adultos é de 10 milhões de estudantes e destes 71,7% são pretos ou pardos. Outra informação importante é que não houve diminuição significativa da desigualdade entre sujeitos negros e brancos no ambiente escolar desde a pesquisa anterior realizada em 2016 (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

A reportagem aborda ainda que os resultados apontam que pessoas negras permanecem na escola 8,6 anos enquanto pessoas brancas, 10,4 anos, resultando numa diferença de quase dois anos. Em relação ao analfabetismo em jovens com mais de 15 anos o percentual é de aproximadamente 10% entre negros e 3,6% entre brancos. Comparando este dado com os dados sobre os idosos concluiu-se que pouco se avançou na diminuição da desigualdade, porque entre pessoas com mais de 60 anos, 27,1% dos negros e 9,5% dos brancos são analfabetos (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Através de informações passadas pela Analista do IBGE, Marina Águas, à repórter, ficou evidente que o Brasil avançou no quesito de universalidade do Ensino Fundamental, só que em relação à permanência dessas e desses sujeitos em sala de aula as mudanças foram mínimas. No Ensino Fundamental I, que compreende do 1º ao 5º ano, o índice de frequência é superior a 95% independentemente de gênero e raça. Agora no Ensino Fundamental II, que corresponde do 6º ao 9º ano, existe uma distinção de gênero das meninas entre 11 e 14 anos 89,3% estão matriculadas e os meninos são 85,8%. Em relação à raça, 90,4% dos brancos e brancas estão estudando, enquanto entre os pardos e pretos o número é de 85,8%. Este fato nos mostra que a evasão escolar ocorre principalmente com este grupo (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Os dados mostram que ainda não se alcançou a meta do Plano Nacional de Educação (PNE) de universalizar o atendimento educacional entre 15 e 17 anos de idade até 2016, já que a taxa de escolarização nesta faixa etária chegou

a 89,2%. Entre os jovens que estão no Ensino Médio o número é de 71,4%, no que diz respeito ao gênero temos 76,4% das mulheres e 66,7% dos homens frequentando esse nível de ensino, entre os brancos a porcentagem é de 79,6% e entre os negros é de 66,7%. Em relação à evasão escolar, os principais motivos apontados para o abandono dos estudos entre os homens é o trabalho 50%. Com as mulheres, o principal fator é a gravidez (23,8%) (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020).

Com esses dados compreendemos melhor a realidade da EJA e dos seus integrantes. Podemos entender que os sujeitos da EJA são em sua maioria pessoas de classes baixas: trabalhadoras e trabalhadores, pessoas encarceradas, aposentadas e donas de casa com vasto conhecimento de mundo e que estão em busca do conhecimento da palavra (MEC, 2006).

Desse modo, ao se pensar em EJA, é necessário centralizar o pensamento no que é mais importante nessa modalidade de ensino, que são seus sujeitos. A principal função da Educação de Jovens e Adultos é valorizar o empenho desses indivíduos ao retornarem à escola, acolhe-los de forma amorosa e auxiliá-los em suas dificuldades de permanência na escola. É através de uma educação de qualidade que essas e esses jovens e adultos podem se tornar conhecedores de suas qualidades, potencialidades e de se tornarem capazes de transformar a sociedade a sua volta.

Outra produção que nos permite refletir sobre o público da EJA é o documentário – Fora de Série (2018) que foi produzido pelo grupo de pesquisa – O Observatório Jovem – do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense - UFF.

Nele é apresentada a realidade de 13 escolas públicas do Rio de Janeiro em que a modalidade da educação de jovens e adultos é retratada mostrando que os principais motivos que fazem os estudantes se afastarem da sala de aula é por razões familiares como o machismo exercido por pai ou marido, ter que entrar no mercado de trabalho precocemente para auxiliar nas despesas da casa, bullying associado ao racismo escolar, gravidez na adolescência, imigração, uso abusivo de drogas, entre outros.

Neste documentário é retratada a resistência desses sujeitos frente às desigualdades socioeconômicas, raciais e de gênero para concluir os seus estudos e realizarem os seus sonhos.

Entre os obstáculos para a mulher, educanda da EJA, conseguir permanecer na escola, podemos destacar a didática utilizada que não pode ser a mesma usada com as crianças, assim como o material didático e a linguagem. Os saberes dessas mulheres têm que ser considerados na prática educativa para que com a assistência da educadora e educador essas mulheres tenham condições de se tornar pessoas autônomas, críticas da realidade e capazes de tomar as suas próprias decisões.

A leitura crítica da realidade do sujeito faz revelar diante dos seus olhos a situação política, social e cultural com suas injustiças junto aos grupos populares. Na sala de aula, no coletivo sob a orientação de uma educadora ou educador que coloque a realidade como temática de estudos e reflexões e a partir disso, extrair o conteúdo para suas aulas, transforma as suas educandas e educandos não apenas em meros sujeitos conhecedores da palavra na forma falada e escrita, é sim em cidadãos conhecedores dos seus deveres e direitos.

Após conhecer um pouco sobre a EJA e os seus sujeitos, vamos falar sobre as duas questões principais desta pesquisa: a primeira é identificar os obstáculos enfrentados pelas mulheres educandas da EJA para estudar ao longo da vida e a segunda é compreender as contribuições da EJA para o empoderamento dessas mulheres.

- **As mulheres da EJA: gênero, raça e empoderamento**

As mulheres da EJA pertencem às classes menos favorecidas, trabalham pela sua subsistência e tiveram o seu direito à educação ferido na infância e elas são seres dotados de significativo conhecimento de mundo e que retornam à escola em uma turma de EJA em busca pelo conhecimento da palavra (FREIRE, 2011).

Para falar sobre as mulheres na EJA precisamos pensar em dois pontos importantes: o gênero e a raça. As mulheres adultas, jovens e idosas da EJA, além da situação socioeconômica, não puderam estudar por outras duas razões principais: o racismo e o machismo. Quando falamos de machismo precisamos falar sobre gênero.

Para as autoras e autor Lins, Machado e Escoura (2016) no livro, “Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola” o gênero é

conceituado como algo produzido historicamente que classifica e coloca as pessoas em posições a partir da relação entre o que se entende do que é ser feminino e ser masculino. Por exemplo, nasceu menina e com vagina têm que ser classificada como feminino e têm que atuar de acordo com a feminilidade que está padronizada e imposta pela sociedade onde se encontra inserida, ou nasceu menino com pênis têm que ser classificado como masculino e com tudo isso é cobrando um papel rígido de comportamento, não dando espaço para demais diferenças.

Através da leitura do livro acima citado, percebemos que as normas de gênero são reafirmadas na família, na escola e no meio social em geral com frases do tipo: “isso é coisa de menina e aquilo é coisa de menino”. Quando a sociedade exige essa separação de comportamento entre os sexos, de modo que determinados comportamentos são exigidos das meninas e não para os meninos, isso faz com que um sexo seja percebido de forma desigual em relação ao outro. A sociedade tenta limitar os espaços onde a mulher pode ou não ocupar ao dizer que determinada coisa é feminina ou não, como se o fato de brincar de carrinho, ser fã de futebol ou não sonhar com a maternidade fosse a tornar menos mulher. O fato de o menino não brincar de casinha ou de cozinhar e ser proibido de desenvolver essas atividades acaba por educar os homens a não dividirem as tarefas domésticas com as mulheres e também a não se colocarem em locais de cuidado e afeto. As pessoas precisam entender que essas brincadeiras não vão mudar a sua orientação sexual, mas que ele vai crescer e internalizar que o trabalho doméstico é um compromisso do ser humano, saberá viver de forma independente e autônoma dentro de casa e junto de sua família quando chegar à fase adulta. A homofobia precisa ser superada na educação dos meninos através da criação de políticas públicas de inclusão LGBTQ+, formação de educadoras e educadores.

As questões de gênero não tratam só de gostos, existe uma desigualdade social envolvendo-as. O termo desigualdade de gênero está relacionado às diferenças encontradas nas relações de poder, privilégios e hierarquias sociais definidas a partir da diferenciação entre ser masculino e ser feminino. É o acesso que as mulheres têm a oportunidades nesses meios de forma desigual ao proporcionado aos homens devido ao fato deirmos historicamente de uma

sociedade patriarcal machista, na qual a mulher vivia submetida ao poder masculino (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Segundo as autoras e o autor Lins, Machado e Escoura (2016) as diferenças biológicas do corpo feminino e masculino foram transformadas em desigualdades de gênero através de um processo que é tanto histórico quanto cultural, e o resultado desse processo são vários estereótipos do que é ser feminino e do que é ser masculino. Um exemplo da diferença de gênero na história do Brasil está na desvalorização da educação, a partir do momento que ser professor se torna profissão feminina em nosso país. Com a feminização do magistério ocorreu a diminuição dos salários devido a mulher não ser vista como profissional de igual valorização quanto ao homem, sendo vista como uma tia ou cuidadora de criança, atividade que qualquer mulher poderia fazer sem ter nenhuma formação.

Pensar em gênero é entender que as diferenças encontradas nos corpos das pessoas foram utilizadas, na cultura, para que os homens ficassem em uma posição privilegiada e a mulher fosse inferiorizada durante o percurso histórico, principalmente no campo da escola e do trabalho.

Para entendermos melhor sobre esse assunto, vamos ver como a professora doutora em Educação na Linha de Pesquisa Educação, Relações de Gênero e Sexualidade, Jimena Furlani (2016) analisa o assunto. Ao ser questionada a respeito de qual a diferença entre ideologia de gênero e estudos de gênero, ela afirma que todos os seres humanos tem um sexo e um gênero. Sexo é compreendido como o conjunto dos nossos atributos biológicos, anatômicos, físicos e corporais que nos definem como homem ou mulher. E gênero é o que a sociedade e a cultura esperam e projetam, em matéria de comportamento, oportunidades, capacidades tanto para o menino quanto para a menina. O motivo do surgimento do conceito gênero foi pela necessidade de se mostrar que as mulheres eram e são sujeitadas pelos homens e isso é resultante de crenças equivocadas que a biologia da mulher a faz ser inferior, incapaz e digna de menos direitos em comparação aos homens.

Para ela, o conceito de gênero não nega o fato de que possuímos uma biologia, mas afirma que o fator biológico não deve definir nosso papel na sociedade. Os estudos de gênero são: “[...] os estudos a respeito do que é ser mulher e do que é ser homem, no meio social e cultural” (FURLANI, 2016, s/p),

essas pesquisas começaram nas ciências sociais e humanas e hoje estão em todas as áreas do conhecimento.

Entendemos que o fator biológico não deve ser o determinante da vida de um sujeito, isso na atualidade é visto através de diversos pontos de vista da ciência, o ser mulher ou ser homem, os estudos do campo de gênero estão sendo visto como multidisciplinar devido a sua amplitude.

O conceito de gênero nos leva a refletir acerca do papel da mulher na sociedade, de novos arranjos familiares, relacionamentos afetivos, diversidade sexual e de gênero por isso, na opinião de Furlani (2016) esses estudos acabam sendo uma perturbação para pessoas mais conservadoras, uma espécie de medo para as instituições tradicionais que de forma até antiética divulgam a “ideologia de gênero” nos meios de comunicação para a população em geral como algo que veio para destruir a família.

Como dito anteriormente, como explicam Lins, Machado e Escoura (2016), as diferenças entre o ser mulher e o ser homem foram transformadas em desigualdades, e sempre a mulher fica em posição desvantajosa. Em relação a desigualdade de gênero podemos citar algumas das situações mais recorrentes que são: a desvalorização salarial das mulheres, repreensões ao comportamento e vestimenta, discriminações de formas diversas, violência, feminicídio, luta e disputa por igualdade. Todas as problemáticas citadas são temas de mobilização do movimento feminista.

Fato importante que deve ser ressaltado é que o combate às hierarquias de gêneros não quer dizer acabar com as diferenças existentes entre ser mulher e ser homem, o que se deseja é que essas diferenças não sejam usadas por um sexo que normalmente é o masculino como forma de poder sobre o feminino (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Conforme explicado, o combate às desigualdades de gêneros não significa anular as diferenças entre homens e mulheres, mas acabar com os lugares desiguais colocados para os homens e as mulheres. As mulheres não são apenas reprodutoras, cuidadoras do núcleo familiar e da casa elas podem desempenhar qualquer função que deseje no meio social. O estereótipo de cuidadora foi atribuído às mulheres no passar dos tempos por vivermos em uma cultura patriarcal e isso ainda persiste na atualidade.

Segundo Maria Cecília de Souza Minayo (2021) que é doutora em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz sendo também professora, pesquisadora e orientadora, em seu artigo, “Cuidar de quem cuida de idosos dependentes: por uma política necessária e urgente” afirma que o termo cuidar é culturalmente um conceito ligado ao feminino, à ação de uma mulher se abdicar da sua vida pessoal ou até profissional para se dedicar aos cuidados básicos de outra pessoa. Isso ocorre quando a família escolhe uma mulher para ser a cuidadora ou ela é escolhida por quem precisa de cuidados especiais. No Brasil, a idade dessas mulheres varia dos 26 aos 86 anos sendo que muitas delas exercem essa profissão por falta de escolha ou por motivos que podem incluir a baixa escolaridade, o que acarreta a essas mulheres terem de abrir mão da vida pessoal, social e até afetiva para tal posto de serviço. Essas trabalhadoras mesmo quando exercem suas funções por amor, sentem falta do convívio social, familiar e do respaldo financeiro visto que na maioria das vezes o trabalho é exercido de forma gratuita ou mal remunerada causando insatisfação pessoal a quem o exerce por não ter um reconhecimento financeiro por um serviço que demanda grande esforço físico, emocional e de tempo (MINAYO, 2021).

Às vezes a própria fala da mulher traz em si um discurso de que o trabalho relacionado ao cuidado do lar e dos filhos e filhas é uma obrigação feminina e o homem é um mero ajudante caso ele queira, tirando de seus ombros toda e qualquer responsabilidade acerca de sua família e filhos e filhas e sobrecarregando a mulher que além de trabalhar fora de casa, cuida da casa e é estudante (BASTOS E EITERER, 2017).

As pesquisadoras em EJA, Carmem Lucia Eiterer, Jacqueline D’arc Dias e Marina Coura, na pesquisa, “Aspectos da escolarização de mulheres na EJA” (2014), afirmam que o afastamento precoce da escola tem como principal causa segundo os depoimentos da sua pesquisa, a gestação, o cuidado com os filhos e a família e a submissão ao pai ou ao marido. Nesse sentido, muitas mulheres foram proibidas de frequentar a escola, visto que para o ato de cuidar não existe a necessidade de escolarização, por ser uma atividade passada de geração a geração pelas mulheres da família, além disso, existe a crença que a moças iam à escola para se perder, ou para procurar namorado.

Vemos no relato abaixo a situação apresentada por uma estudante da EJA:

Quando eu falei assim: ô vou estudar. O marido nossa, ficou nervoso e me xingou. Porque eles pensaram no seguinte, pensaram na janta e na casa arrumada. Eles [filhos] não gostaram que eu voltei pra escola não, [...] e eu falei vocês gostando ou não eu vou continuar estudando (Joana, 38 anos) (EITERER; COURA; DIAS, 2014 p. 170).

Ou seja, o marido não compreendia, por uma questão de gênero, o direito da companheira de estudar, o seu pensamento estava voltado a quem ia cuidar dele e do lar enquanto a esposa estivesse na escola. O estudo é uma forma de empoderar mulheres, de emancipação através da educação. Quando o homem percebe que a mulher pode deixar a função de cuidadora da casa e da família para desempenhar outras funções, o homem tem medo de perder o poder, o domínio que exercem sobre suas companheiras.

O tema das relações de gênero ao pensar o trabalho doméstico foi investigado por Carmem Lucia Eiterer (2018), em outro estudo intitulado, “Trabalho doméstico, relações de gênero e educação de adultos”, neste retrata que as condições sociais é um dos fatores que levam as mulheres precocemente ao trabalho ainda na infância com o intuito de garantir o próprio sustento e o de sua família. Assim sendo, a vida escolar é colocada em segundo plano por causa do trabalho doméstico desempenhado por essas meninas que desde muito cedo trocam o banco da escola por uma atividade laboral que pode ser mal remunerada ou não remunerada.

Convém lembrar que as educandas da EJA estão em volta de outras opressões como de: raça, geração, origem geográfica e religião o que torna a sua escolarização mais difícil. Pode-se observar que muitas dessas mulheres são provenientes do campo ou migram do interior em busca de melhor oportunidade no mercado de trabalho. Entre elas tem as que são mães e também as que residem nas casas dos patrões por não possuírem família, se dedicando ao trabalho doméstico para os mesmos empregadores por gerações. Temos que destacar, que estas mulheres vivem em péssimas condições, nos minúsculos e apertados quartos de empregadas, que frequentemente dividem com caixas e outros objetos da casa dos chefes (BASTOS; EITERER, 2021).

Outro ponto importante é a raça. As mulheres da EJA não sofrem só com machismo, mas também são alvos do racismo, já que a maioria das pessoas pobres e sem estudo no Brasil são negras.

A partir dos estudos de gênero apontando as diferenças de cor/raça no Brasil na década de 80, conseguimos identificar como este país é desigual e tudo é pior para a mulher negra (FIGUEIREDO, 2008 apud EITERER e BASTOS, 2016). Se formos analisar as desigualdades de acesso a escola e os desníveis de renda entre as mulheres negras (pretas e pardas) em mesmo grau de comparação com os homens negros, e as mulheres brancas com os homens brancos, chegaremos à conclusão que os homens brancos estão sempre no topo da hierarquia e as mulheres negras ocupando a última posição, atrás dos homens negros, que estão um passo a sua frente apenas porque são homens e isso a sociedade considera algo que os torna seres em grau de superioridade (EITERER e BASTOS, 2016).

A situação das mulheres negras aparece em narrativas pesquisadas pelas autoras citadas anteriormente:

Eu passei a infância no Rio. Amo aquela minha terra. Casei com 16 anos, quando engravidei do meu mais velho. Mas o pai dos meninos mexia com muita coisa errada e morreu quando o caçula tinha apenas 10 anos. Aí, eu tive que sair do Rio. Fui pra Região dos Lagos, lá pra Cabo Frio com meninos. Tinha parente lá e arrumei umas casas para faxinar e os meninos vendiam quitutes que eu fazia na praia depois da escola, porque a grana era curta. Fiquei lá em Cabo Frio fazendo o mesmo que fazia no Rio: faxinava. É o que menina preta, pobre, que cresceu na favela e não estudou consegue fazer, não é?”(Rose dos Anjos, entrevistada) (BASTOS; EITERER, 2021, p. 453).

Sabendo da situação das mulheres negras na EJA, nosso referencial teórico também reflete sobre raça. Nilma Lino Gomes (2005) que é pedagoga, mestra em educação, doutora em Antropologia Social, pós-doutora em Sociologia e em educação, que foi Ministra da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial -SEPPIR - (2015) e do Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos (2015-2016) no governo da presidenta Dilma Rousseff, afirma que raça é um termo compreendido como fruto de um processo histórico que surgiu a partir de construções sociais, políticas e culturais, não tendo nenhuma ligação com a natureza biológica do ser humano. Culturalmente aprendemos a ver as diferenças entre negros e brancos na forma em que somos educados e assim

começamos a compará-las, classifica-las e hierarquizar. Quando falamos de raça, precisamos falar sobre racismo.

A mesma autora conceitua o racismo como uma conduta decorrente de uma repulsa que pode chegar ao ódio a outras pessoas que pertencem à outra raça que pode ter sinais visíveis como a cor da pele, tipo de cabelo, e outros não visíveis como os aspectos culturais, históricos, religiosos, antropológicos, ancestrais. O racismo parte do pressuposto que existe raça que é superior e está deve subjugar ou aniquilar a raça que considera inferior por acreditar que seu ponto de vista é o único condizente com a veracidade.

Apesar de termos a certeza da existência do racismo no Brasil, existe uma parcela da população que não acredita na sua existência e afirma que vivemos em um país onde ocorre a plena igualdade entre as pessoas independentemente de cor, raça ou etnia, sendo assim, no nosso país teríamos a chamada “democracia racial”. O mito da democracia racial é entendido pelo Movimento Negro e pelos estudos sobre raça como uma falsa idéia de que negros e brancos vivem com as mesmas oportunidades, negando a existência do racismo no Brasil.

As educadoras Bastos e Eiterer (2021) afirmam que o mito da democracia racial deve ser superado, em diálogo com Harvey (2016), explicam que a população negra desde sua reinserção na sociedade, após a escravidão, se encontra em situação inferior a população branca. Ao se analisar a questão social brasileira, percebemos que a discriminação racial está enraizada em todos os espaços, inclusive no mercado de trabalho onde vemos o racismo estrutural e institucional. Acreditamos que ao se afirmar que no Brasil existe uma democracia racial estamos querendo mascarar o racismo que existe, assim dizendo que não existem nem ódio e nem segregação racial no mercado de trabalho como o que vemos no campo das empregadas domésticas que são em sua maioria mulheres negras que não encontram outra possibilidade de trabalho para sua subsistência.

Nilma Lino Gomes (2005) nos explica o conceito de racismo institucional e exemplifica como ele ocorre em nossa sociedade e interfere nas condições de vida das pessoas negras. Essa reflexão da autora mostra que o racismo existe sim e não vivemos em uma democracia racial.

A pós-doutora em sociologia e educação, em seu escrito, "Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão", diz que o racismo institucional são práticas discriminatórias produzidas pelo Estado de forma direta ou indireta, se manifestando sobre a população negra na forma de segregação social em bairros distantes do centro da cidade, em afastamento da escola e exclusão do mercado de trabalho (GOMES, 2005).

O racismo institucional também ocorre nos livros didáticos quando nas imagens não aparece a representação de pessoas negras ou quando elas aparecem estereotipadas como inferior a pessoas brancas (GOMES, 2005). Esse tipo de manifestação também ocorre na mídia em geral quando se apresenta o negro como o motorista, o malandro, enquanto o branco é o patrão e o bom moço e a mulher negra é sempre vista como a empregada doméstica, como se ela não pudesse ocupar outra função profissional ou um cargo de chefia.

Para finalizar nossas reflexões teóricas daremos, aqui, atenção para o empoderamento feminino e se a escola e a EJA contribuem para ele.

Yasmim Cardoso Alves em seu Trabalho de Conclusão de Curso, "Trajetória de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no empoderamento feminino" (2019) declara que empoderamento feminino também é chamado de "empoderamento de mulheres" e este consiste no ato de criar formas de participação social para as mulheres, lhe dando voz e vez para se posicionarem nos diferentes espaços da sociedade. O movimento de empoderar-se é lutar a favor dos direitos das mulheres para que elas possam participar ativamente dos debates e tomadas de decisões que ocorrem nos espaços políticos, sociais e econômicos, principalmente quando o assunto abordado for de cunho feminista.

Ainda de acordo com Alves (2019) é fundamental que o conceito de empoderamento seja trabalhado no ambiente escolar, porque este é um espaço que tem responsabilidade social com os sujeitos que estão inseridos nele. Torna-se uma demanda da escola formar educandas empoderadas que consigam pensar de forma crítica e sem o receio de manifestar a sua opinião. O empoderamento feminino não é uma construção interna, individual. Ele faz com que as mulheres se reúnam em benefício dos seus direitos, se ajudem entre si

indo ao encontro de todas as formas de liberdade para se conseguir uma sociedade mais justa e igualitária para todas e todos.

Para entendermos a EJA como espaço de empoderamento nos baseamos no artigo, “A educação de jovens e adultos como um espaço de empoderamento das mulheres” (2016), escrito por Samira de Moraes Maia Vigano que é Doutora e Mestre em Educação pela UFSC. Possui especialização na área de gênero e diversidade sendo também pesquisadora em EJA. A autoria deste artigo ela divide com sua orientadora Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin que é Pós Doutora e Doutora em educação e pesquisadora da Rede Internacional Luso-Brasileira de Pesquisa Colaborativa em EJA e Pessoas Idosas.

As autoras consideram que a escola tem papel significativo nas relações sociais principalmente nas turmas de EJA em que as educandas relacionam o ambiente escolar a um espaço de socialização, de enfrentamento das desigualdades, de conquistas de autonomia, de emancipação e empoderamento feminino. As educandas da EJA ao retornarem aos estudos se percebem como sujeitos capazes de aprender coisas novas além da rotina de donas de casa, com isso se sentindo empoderadas. Nessa direção, empoderar quer dizer buscar a equidade de gênero, por meio de reflexões críticas feitas na escola:

[...] o empoderamento pode ser entendido como uma ação ou um processo em que o indivíduo toma posse da vida pela interação com os demais, possibilitando mudanças e transformações nas relações sociais (BAQUERO, 2012). O empoderamento passa a ser uma ação individual, fortalece-se no coletivo e se constitui como “um encontro dos humanos para refletirem sobre sua realidade tal como a fazem e refazem” (FREIRE; SHOR, 1986, p. 123). O termo foi adotado, inicialmente, por movimentos sociais dos Estados Unidos da América, que lutavam pela emancipação dos excluídos e pela cidadania de grupos segregados, como negros, mulheres, homossexuais e pessoas com deficiência (BAQUERO, 2012). Assim, à medida que se entendem o espaço educativo da EJA, de certa maneira, garante-se o empoderamento das alunas e a compreensão de que essa modalidade de ensino promove, além da elevação de escolaridade, territórios de socialização, de mudanças e de transformações da realidade das alunas (VIGANO; LAFFIN, 2016. p. 13).

Nas turmas de EJA é possível realizar rodas de conversas para discutir temas ligados aos preconceitos que são enraizados culturalmente, como em

frases que se tornam clichês: “mulher tem que esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque”, ou “mulher não precisa aprender a dirigir carro porque já nasce sabendo pilotar fogão”. Essas falas podem ser problematizadas e desconstruídas pelas educadoras e educadores. Em sala de aula a abertura para o debate de temas faz a tomada de consciência tanto da mulher quanto do homem na busca pela igualdade na sociedade.

Godinho, Noronha e Brandão (2017, p. 31-31) sobre as contribuições principais da escola para as mulheres afirmam:

[...] consideramos que as principais contribuições que a instituição escolar tem a dar são a ampliação da leitura crítica destas e a retomada do sentido político da educação – voltado para o exercício da cidadania, a valorização da vida, o respeito aos direitos humanos e a construção de uma sociedade democrática – em conformidade com as proposições do campo da Educação Popular de Freire (2001; 1987; 1989), Brandão (2002) e Arroyo (2007) acerca do papel da educação de jovens e adultos na problematização e construção de uma leitura crítica da realidade.

Concordamos com Godinho, Noronha e Brandão (2017), pois Paulo Freire defendia uma educação voltada para a autonomia e a liberdade. A autonomia é criada entre educador e educando através da amorosidade, da prática dialógica para compreensão da realidade político-social em que o sujeito está inserido, para assim ele conseguir fazer uma leitura crítica do mundo à sua volta. Já a educação para a liberdade é a tomada de consciência da realidade que se está inserido, é se tornar um ser a favor da transformação social.

A maior contribuição que a EJA pode dar às educandas e educandos é a leitura crítica do mundo a sua volta, o acesso aos conhecimentos historicamente produzidos, ensinar sobre cidadania, sobre a vida, sobre os direitos de todas as pessoas, especialmente as mulheres e as pessoas negras, para conseguirmos um mundo mais justo e democrático, assim como é pregada na Educação Popular de Paulo Freire.

Paulo Freire em seus escritos se tornou um denunciante de todas as formas de discriminação, seja ela de gênero, raça, etnia, condição social, entre outras. Concluímos que diante de tudo que foi exposto até o momento a respeito dos estudos de gênero e raça, que a contribuição Freireana também é primordial para a pesquisa principalmente em relação à EJA e o empoderamento de mulheres.

CAPÍTULO 3: NARRATIVAS DA VIDA DE MULHERES DA EJA: AS MOTIVAÇÕES PARA VOLTAR A ESTUDAR, OBSTÁCULOS ENFRENTADOS E EMPODERAMENTO FEMININO

Este capítulo tem como objetivo responder às três perguntas que norteiam esta pesquisa: descobrir quais foram os problemas que as mulheres enfrentaram e enfrentam, ou seja, os obstáculos para estudar, descobrir por qual razão as mulheres voltam à escola para estudar, e por último tentar identificar se a EJA atua como forma de empoderamento na vida dessas mulheres.

Para acessar estas respostas foram escolhidos cinco estudos, sendo eles os seguintes: A primeira pesquisa eleita foi a de Ludimila Corrêa Bastos - Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA (2011), o segundo estudo também é de Ludimila Corrêa Bastos - Trabalho doméstico, relações de gênero e educação: um estudo com educandas/os da EJA (2017), a terceira pesquisa pertence a Maristela Pereira Leal - As Inter-Relações entre Discriminação Racial, de Gênero e Exclusão Social na Trajetória de Mulheres Negras da EJA (2017), o quarto estudo é de Maria José Resende Ferreira – Interdições e resistências: os difíceis percursos da escolarização das mulheres na EPT (2017), e por último a dissertação de Efigênia Alves Neres - Histórias que se cruzam na EJA: as trajetórias de vida de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional(2020).

A primeira pesquisa, de Ludimila Corrêa Bastos - Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas da EJA (2011), mostra o estudo com 5 mulheres, educandas da EJA da UFMG, com o objetivo de conhecer as suas trajetórias após a finalização do curso, assim como os efeitos da escolarização em suas vidas. Os resultados obtidos apontam que a escola é uma oportunidade de mudança de vida no âmbito profissional, financeiro, de crescimento pessoal, de se reconhecer sujeito de direitos e deveres, de aumento da autoestima e sentimento de igualdade perante outros sujeitos.

O segundo estudo também é de Ludimila Corrêa Bastos - Trabalho doméstico, relações de gênero e educação: um estudo com educandas/os da EJA (2017), aconteceu com 8 trabalhadoras domésticas e 1 trabalhador doméstico inseridos em uma turma de EJA com entrevistas semi estruturadas,

sendo que destes 8 se autodeclararam de cor/raça parda ou negra. Essa investigação surgiu ao se perceber que a mulher falta mais às aulas do que o homem devido trabalhar com atividades relacionadas ao cuidar como o serviço doméstico e também ao fato de muitas mulheres residirem no emprego. Como resultado obtido ficou evidente que a miserabilidade leva essas mulheres que são maioria negras a começar a trabalhar ainda na infância e o fator que causa maior evasão escolar entre elas é o cansaço após o um dia de trabalho.

A terceira pesquisa é de Maristela Pereira Leal - As Inter-Relações entre Discriminação Racial, de Gênero e Exclusão Social na Trajetória de Mulheres Negras da EJA (2017), busca retratar as diversas formas de discriminação que sofre a mulher negra na EJA focando nos marcadores de raça, gênero e classe social. Para tal foi realizada entrevistas individuais e semiestruturadas com 8 mulheres negras moradoras do Entorno de Brasília -DF. Como resultado obtido foi possível constatar que o racismo e o sexismo causam grande impacto na vida dessas mulheres.

A quarta investigação foi Maria José Resende Ferreira – Interdições e resistências: os difíceis percursos da escolarização das mulheres na EPT (2017), realizada com 10 educandas do Programa Mulheres MIL da EJA do Instituto Federal do Espírito Santo-Campus Vitória que são trabalhadoras domésticas. A base teórica foi estudos feministas no campo da EJA, trabalho e educação, sendo a pesquisa qualitativa focando nas histórias de vida. Os resultados obtidos mostram que essas mulheres têm dificuldades socioeconômicas, de gênero, de acompanhar as atividades escolares devido ao grande período longe da escola e da prática pedagógica não considerar a sua realidade. Os resultados obtidos mostram que a permanência na EJA é mais devido ao esforço pessoal do que às condições escolares, e apesar dos obstáculos enfrentados essas mulheres vêm a EJA como um espaço de emancipação e empoderamento.

O último estudo foi o de Efigênia Alves Neres - Histórias que se cruzam na EJA: as trajetórias de vida de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional (2020), o qual retrata que as mulheres afrodescendentes devido às questões relacionadas a gênero, raça e classe social são consideradas como grupo marginalizado. Nessa pesquisa se problematiza a trajetória educacional através da EJA e quais as formas de organização de vida e enfrentamento de dificuldades essas mulheres negras sofreram. Essa pesquisa é qualitativa, com

abordagem feminista, sendo realizada no Município de Teresina-PI com duas mulheres afrodescendentes que após a conclusão da EJA adentraram o Ensino Superior. A autora concluiu que projetos em EJA tem contribuído para que o Brasil avance na busca por reduzir as desigualdades históricas através da EJA e para que os afrodescendentes consigam superar as dificuldades de ser mulher-negra e pobre e ocupar lugares que não eram comuns a elas.

Dando continuidade aos breves resumos dos estudos escolhidos, a seguir mostraremos algumas das narrativas das mulheres da EJA retratadas nessas cinco pesquisas. Para melhor compreensão faremos uma divisão em três grandes eixos temáticos, de maneira que um complementa os dizeres do outro, sendo eles os seguintes: Eixo 1 – Obstáculos para estudar: Dificuldades vividas na infância que impediram o estudo e as dificuldades atuais de permanecerem na escola, na EJA, Eixo 2- Motivações para voltar a estudar e o Eixo 3- A EJA e o empoderamento das mulheres.

Eixo 1 – Obstáculos para estudar: Dificuldades vividas na infância que impediram o estudo e as dificuldades atuais de permanecerem na escola, na EJA.

Dividimos os obstáculos em três itens: vulnerabilidade econômica, trabalho (doméstico) explorado e exaustivo, e Cuidar da família (gravidez precoce, companheiro, pessoas mais velhas) e da casa, que vamos explorar a seguir.

- **Vulnerabilidade socioeconômica**

Antes de iniciarmos a abordagem deste eixo, devemos enfatizar que foram muitas narrativas que mostraram o problema socioeconômico. Muitas alunas do EJA que não estudaram na infância e juventude o principal obstáculo é porque viviam em situação de pobreza, miséria e tinham que trabalhar desde criança para o sustento seu e da família. Veja a realidade de Maria Tina (45 anos), mulher negra, sobre sua infância:

O barraco nosso era de madeira. Tinha um cômodo só. Lá a gente dormia, minha mãe cozinhava. O chão era de terra, aí subia um frio danado à noite. Vamos mudar de assunto porque eu não gosto nem de lembrar. Mas o que queria dizer é o seguinte, a gente nunca sabia se ia ou não ter comida pra comer. A preocupação nossa era a barriga. Preocupada com a barriga, você acha que ia sobrar tempo de preocupar com estudo? Estudo era luxo. O que importava era a fome quando apertava [risos] (BASTOS, 2017, p.138).

As pesquisadoras Bastos e Eiterer (2017) nos explicam que ao analisar as falas das mulheres da EJA notaram marcas do gênero, ou seja, foram empurradas para o trabalho doméstico cedo por serem mulheres. Também pela classe social, por serem mulheres pobres e por último pela geração, por antigamente ser mais aceito que as meninas largaram os estudos para cuidar da casa do que atualmente.

A fome é relatada como uma das causas do afastamento dessas mulheres do ambiente escolar. Na fala abaixo, também de Maria Tina, vemos que esse problema social da falta de segurança alimentar que muitas crianças padecem as levam a situações de grande vulnerabilidade:

Minha mãe lava roupa pra fora. Mas não era nada certo, às vezes tinha, às vezes não. Então, às vezes tinha comida, às vezes não. Nessa época eu tinha uns nove, dez anos... Minha mãe saía pra um lado tentando arrumar serviço e eu e meu irmão pro outro. A gente pedia dinheiro no sinal. Pedia comida na casa das pessoas. Muita gente acabava ficando com dó e dava. Mas muita gente tinha medo, ou até nojo da gente. Mas também a gente andava sujo, fedorentos... Aí, a gente saía pra pedir, mas às vezes ficava tarde e a gente estava muito longe, tinha andado muito e por causa disso, eu dormi muitas e muitas vezes na rua pra voltar pra casa no outro dia". Sobre a situação de vulnerabilidade social acrescenta: "Dormir na rua é terrível... Dá medo... medo de estupro era o que eu mais tinha. Mas Graças a Deus nunca aconteceu nada com a gente. A gente via gente mal encarada e sumia. A gente era matuto" (BASTOS, 2017 p.139).

A questão de gênero é citada mostrando um dos maiores medos femininos que é ser vítima de um estupro. Devemos ressaltar que as maiores vítimas de estupro fora de casa são as meninas jovens e pobres devido os riscos que passam por residirem em bairros afastados, com iluminação precária, terem a necessidade de pegarem ônibus muito cedo ou chegarem em casa muito tarde

quando não tem quase ninguém andando pelas ruas devido morar longe do local onde trabalham como empregada doméstica.

Quando a família vive em situação de escassez de alimento, a educação é deixada em segundo plano priorizando a busca por comida. A desigualdade social, junto com fatores como a má distribuição de renda e questões de cunho político e econômico são as principais causas da fome no Brasil. Este relato é uma amostra da realidade da EJA, que é formada por pessoas de classe baixa, que viveram na infância e alguns ainda convivem com essa realidade de vulnerabilidade social. Isso tem uma ligação muito estreita com o racismo, que coloca as pessoas negras nas piores condições de vida.

Quando a mulher tem o seu direito à educação negado na infância para ter que se inserir precocemente no mercado de trabalho para auxiliar no sustento da família e de si própria ela acaba tendo como única escolha o trabalho doméstico, de modo que a aprendizagem ocorre no meio familiar sendo passado de uma geração à seguinte sem a necessidade da escolarização (BASTOS E EITERER, 2017).

Eiterer conceitua empregadas domésticas como a pessoa que arruma a casa ou parte dela, exerce a junção de preparo de alimentos, lavar e passar roupas, lavar louças, utilizando ou não para tais funções aparelhos eletrodomésticos, este trabalhador também pode exercer a função de cuidador de outra pessoa e morar ou não no local de trabalho, sendo remunerado por todo trabalho executado (EITERER, 2016, p. 1-2).

Todavia, pelo exemplo de Sandra (46 anos), mulher negra, que sempre teve a sua vida entrelaçada ao trabalho doméstico, vemos que o trabalho doméstico nem sempre é remunerado (jornada dupla) e começa ainda na infância, tendo de abrir mão dos estudos para trabalhar:

[...] a estudante, que trabalha como auxiliar de serviços gerais, destacou sua rotina de trabalho que começa às 4:45 h. da manhã. Após sair do trabalho, cumpre jornada dupla em casa e só depois vai para a escola. As/os filhos e netos embora não morem na mesma casa, moram todos no mesmo quintal. Em seguida, Sandra remonta sua trajetória escolar desde a infância, quando começou a estudar aos oito anos em uma escola no centro de Vitória. Aos doze teve que abandonar a escola para trabalhar e ajudar a sustentar a família quando seu pai ficou com depressão depois da morte de um dos filhos. Sandra começou a

trabalhar como babá e aos dezoito anos ficou grávida de sua primeira filha (FERREIRA, 2017, p. 160).

A vida das alunas da EJA é marcada pelo trabalho doméstico. No campo do trabalho doméstico remunerado para o seu próprio sustento e da sua família e do trabalho doméstico não remunerado que desempenha em seu meio familiar. Com a vida envolta em tanto trabalho, estas mulheres têm pouco tempo livre para se dedicar a escolarização que é a principal forma delas superarem a condição de pobreza em que estão inseridas. Estas mulheres desempenham trabalho, dentro e fora de casa, que exige grande esforço físico e o cansaço acaba fazendo com que a pessoa se afaste do ambiente escolar (BASTOS, 2017).

Maria Nina (44 anos), educanda da EJA que se autodeclarou parda, conta como foi a sua infância, quando já desempenhava o trabalho doméstico:

Ninguém estudou. Era tudo pra puxar enxada mesmo. Os meninos iam pra lida na roça. As meninas cuidavam de coisa de casa. Eu comecei a trabalhar com oito anos. Tinha que subir no banco pra alcançar o fogão pra cozinhar e levar a comida pro meu pai e pro meus irmãos na roça (BASTOS, 2017, p. 133).

A situação de vulnerabilidade social sempre acompanhou a vida das mulheres da EJA, muitas delas trabalham de forma explorada, com baixa remuneração pelos serviços que prestam. Entre as mulheres estudantes da EJA é comum relato de que tiveram que abandonar a escola cedo para se inserir no trabalho doméstico, que em muitos casos acabava tendo de morar na casa dos patrões. Em contexto assim, não tem condições de pagarem a passagem de ônibus ou para aquisição de um lanche fora de casa. Na próxima fala da educanda Regina Helena (34 anos), mulher negra, se encontram três dos principais obstáculos que fazem ocorrer a desistência dos estudos nas turmas de EJA que são o cansaço após uma jornada pesada de trabalho, a falta de dinheiro para o deslocamento até a unidade escolar e também para se alimentar durante o período da aula:

Nossa, eu tive muita dificuldade. Até que no PROEF não, mas na época do PEMJA... Primeiro essa história que te falei da licitação. Quando eu começo lá, já tenho que parar por isso. E depois, quando eu voltei o pior de tudo foi o cansaço. Eu às

vezes achava que não ia dar conta. Saía de casa antes das seis, ia trabalhar e trabalho de limpeza é pesado, ia pra escola, chegava em casa umas onze e meia, ia olhar a pasta do Pedro, ver as coisas da escola, arrumar umas coisas e levantar de novo no outro dia. O cansaço às vezes me fazia quase dormir na aula. Porque querendo ou não, eu pegava cinco ônibus por dia... Era difícil também tirar o dinheiro da passagem e pro lanche então... Isso era só quando ia receber meu pagamento. Mas o pior era o meu cansaço (BASTOS, 2011, p. 91).

Uma das alunas do EJA que tem o seu relato no trabalho da Bastos (2011, p.76), a Generosa Carneiro (45 anos), mulher negra, explica como ela acredita que solucionaria as dificuldades, os obstáculos para as alunas estudam hoje na vida adulta:

[...] o transporte social, que deveria vir de um projeto político de criar um vale social para os alunos da EJA. Já teve várias vezes que não fui a aula por não ter dinheiro para pagar a passagem. [...] um lanche gratuito para os alunos da EJA ou pelo menos um desconto da FUMP25 para o bandejão, igual os alunos da Universidade têm. Eu, por exemplo, só lanchava na cantina em dia de pagamento. Mas muitas vezes, levava o lanche que sobrava aqui do serviço para dividir com meus colegas, que chegava.

Finalizando, devemos mencionar que as pessoas falam o tempo todo que o estudo pode melhorar as condições de vida, mas não param para pensar que as pessoas do EJA não têm uma vida ruim porque não estudaram, na verdade é o contrário, elas não estudaram por não terem condições, por terem uma vida precária.

- **Trabalho (doméstico) explorado e exaustivo**

Entre os obstáculos para a permanência na escola em uma turma de EJA, se destaca o trabalho. Muitas mulheres da EJA destacaram que é muito difícil trabalhar e estudar, pois estão sempre cansadas e exaustas da jornada: ter que cuidar da própria casa, de trabalhar fora e cuidar, ser esposa, mãe, filha, entre outras...

Muitas educandas da EJA trabalham na faxina ou na limpeza, que é um trabalho pesado e infinito. A fala da educanda Irene Soares (65 anos), mulher

negra que reside na casa dos patrões, mostra que ter que conciliar a rotina de trabalho com a de estudante se torna muito difícil quando não se tem as condições básicas para isso, como o tempo disponível. Ela que trabalha em duas casas da mesma família e recebe pagamento como se trabalhasse em apenas uma residência, têm em sua rotina de trabalho a sua maior dificuldade para frequentar as aulas:

Eu falto muito de aula. Perco prova, matéria. Por isso que tomo bomba e não consigo aprender. É que eu só consigo ir pra escola terça e quinta, quando tô na outra casa. Segunda, quarta e sexta eu tô aqui. Aí não dá. É até perto da escola, mas a aula começa 18:30 e a Dona Ana gosta de jantar às 19hs. Aí, até eu arrumar tudo fica tarde pra mim ir. E ela também fica com medo. A Serra é muito perigosa tem muito ladrão. E o prédio tem portaria mas tá sem porteiro. Ela fica com medo de um ladrão me espreitar e entrar pra cá junto comigo (BASTOS, 2017, p. 103).

A partir da investigação das faltas dos alunos e alunas da EJA notou-se que as ausências das mulheres eram superiores às dos homens e a causa é o fato de elas desempenharem a função de empregadas domésticas e dormirem no trabalho. A empregada doméstica está sujeita a rotina da casa onde trabalha e qualquer alteração nesta como, por exemplo, um jantar especial, uma visita no horário que a aluna tem que sair para a aula pode ser motivo para a infrequência dessa mulher na sala de aula (BASTOS; EITERER, 2016, p.1).

Ter que faltar aula porque teve que fazer hora extra no emprego é um grande empecilho, visto que se perde o conteúdo da aula que foi ministrada naquele dia. As educandas que moram no local de trabalho passam por essa dificuldade com maior constância devido não ter horário fixo para começar e terminar suas atividades laborais. Observamos a negação de direitos trabalhistas para essa classe de trabalhadoras e trabalhadores e para conseguir isso, os patrões em muitos casos, se utilizam da afetividade para dizer que suas empregadas são como pessoas da família.

Será que eles negariam os direitos básicos para uma pessoa que realmente é da família, como por exemplo, não assinar carteira de trabalho, não ter horário fixo de serviço, não ter acesso à educação, ter uma rotina de trabalho tão pesada que ao final do dia sinta dores pelo corpo?

Segundo Eiterer (2016), tendo como referência Santana, ser empregada doméstica e conseguir estudar depende muito mais da permissão dos patrões do que de um desejo pessoal da mulher que necessita do dinheiro do trabalho para o seu sustento pessoal e do seu núcleo familiar. Quando a empregada doméstica tem a necessidade de ficar no seu local de trabalho até que chegue alguém para substituí-la no cuidado de outra pessoa que pode ser criança, idoso ou acamado dependente, ou quando tem alguma intercorrência na casa onde trabalha que fazem que alterem seus horários, não possibilitando que chegue a tempo na escola ou por precisarem trabalhar no turno noturno para a patroa ir à academia, salão de beleza.

Bastos; Eiterer (2016), em suas entrevistas com empregadas domésticas, perceberam que os patrões se utilizam de um discurso que elas são parte da família ao invés de funcionárias. Isso é uma forma de se mascarar as relações de trabalho, as escondendo atrás de uma suposta afetividade. Existe a necessidade da construção da consciência de classe e da luta por direitos entre eles, o de poder ir à estudar principalmente por aquelas empregadas domésticas que dormem no local de trabalho.

O relato abaixo mostra a falta de privacidade que uma trabalhadora doméstica que mora no local de trabalho enfrenta. Júlia Silva (20 anos), que se autodeclara branca, não possui liberdade porque mora onde trabalha. A invasão na sua vida pessoal pela patroa, chega a interferir na sua vida sexual:

A Dona Elisa achou nas minhas coisas uma cartela de pílula. Aí ela veio falar comigo o que que eu tava pensando, que eu não era mais moça, como que ia explicar isso pra minha mãe... E se eu engravidasse? Que a responsabilidade era dela porque ela que me trouxe pra cá. Que que ia falar com minha mãe. Mas assim, eu já sou adulta. Ela não tem que se preocupar comigo como se eu fosse uma das meninas dela, criança... Eu fico sem privacidade, agora tenho que relatar minhas intimidades com meu namorado pra ela? (BASTOS, 2017, p. 123).

O relato mostra que a situação só piora quando a empregada doméstica tem que residir no local de trabalho. Eiterer; Bastos (2016) apresenta os pontos negativos em ser empregada doméstica e ter que residir na casa dos patrões, entre eles podemos destacar: jornadas de trabalho superiores por esta dentro da

casa e não conseguir se recusar a fazer hora extra; acomodações para descanso inadequadas; falta de privacidade com a vida pessoal e baixos salários.

Através do próximo relato da entrevistada Irene Soares percebemos que as mulheres com pouco estudos são facilmente enganadas por patrões que exploram a sua mão de obra barata. O trabalho da mulher negra é visto historicamente como algo gratuito ou que merece pouca remuneração, desse fato decorre das mulheres negras que trabalham com o serviço doméstico serem convencidas pelos patrões que não precisam de direitos trabalhistas devido serem consideradas como parte da família e segundo eles isso é uma vantagem maior do que ter uma carteira de trabalho assinada.

Com os dizeres de que a funcionária é parte do núcleo familiar, os patrões buscam por um trabalhador de forma gratuita, que more no emprego com uma rotina de horário apenas para começar a trabalhar, que deve se iniciar antes dos patrões acordarem e finalizar após o empregador dormir, desse modo, não sobrando tempo para os estudos, ou qualquer outra atividade pessoal. Assim essas mulheres se tornam cativas de seus patrões de forma sub remuneradas. Você já parou para refletir que as mulheres negras, como a entrevistada Irene, que moram no trabalho são especialmente exploradas devido a um vestígio da escravidão?

Quando comecei a trabalhar com a Dona Ana eu tinha registro na carteira. Mas não era registrada como doméstica não. Era registrada como as outras funcionárias lá da empresa dela. Mas aí aquela empresa fechou e ela me mandou escolher se queria registro ou não. Ela me explicou que o que decidisse ela faria. Só que se eu escolhesse ter o registro, eu ficar presa a ela. Se um dia quisesse ir embora, o registro ia me prender aqui. Eu não ia poder ir embora quando quisesse. Porque com o registro o funcionário fica com uma obrigação com o patrão. Aí eu não quis. Porque quero ser livre... Porque quero ir embora quando formar (BASTOS, 2017, p. 104).

Mulheres negras nem são consideradas mulheres numa perspectiva racista. Enquanto a mulher branca é vista como uma princesa frágil que precisa de proteção e não compete a ela determinadas funções; a mulher negra é vista como um corpo que tem que trabalhar até morrer.

A abolicionista e militante Sojourner Truth falava abertamente que havia diferença e desigualdade entre as próprias mulheres. Ela percebia que as

mulheres brancas pertencentes à classe média e alta, militavam questionando o fato de serem consideradas frágeis e incapazes de trabalhar. Enquanto isso, a mulher negra chegou a ser submetida a escravização de sua mão de obra. Em 1970, surgiu o feminismo negro que mostra que dentro do movimento feminista existia racismo e no movimento negro a desigualdade de gênero. (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Com essa fala, podemos indagar se as classes mais favorecidas ficaram felizes com a criação da PEC das Domésticas, pela qual as pessoas que trabalham com o cuidar tiveram acesso a carteira assinada e outros direitos trabalhistas que os profissionais que exercem outras funções no mercado de trabalho já têm há muitos anos. Vivemos numa cultura com resquícios da escravização, o fato de uma empregada doméstica e negra, querer estudar para conseguir maiores conhecimentos e através deles uma melhor colocação no mercado de trabalho, faz com que os patrões criem estratégias para dificultar esse acesso à educação assim mantendo essa mão de obra barata que estão tão acostumados a terem.

A legislação brasileira é falha na garantia dos direitos da trabalhadora doméstica no campo da legislação trabalhista, por não ter fiscalização o suficiente estas mulheres podem trabalhar sem carteira assinada o que acaba excluindo-as dos benefícios previdenciários como aposentadoria, licença médica e maternidade remuneradas. Outro ponto que devemos ressaltar é que devido à baixa escolaridade exigida, os salários pagos a estas profissionais são baixos e as jornadas de trabalho podem ser superiores às previstas em lei (BASTOS, 2017).

Em nossa cultura é ensinado que as mulheres negras, de baixa renda, só podem exercer profissões ligadas ao ato de cuidar. Compreendemos que não existe problema em ser empregada doméstica; o problema surge quando a classe dominante atribui essa profissão a determinada minoria como única possibilidade de sobrevivência, não podendo exercer outras profissões no mercado de trabalho.

Em algum momento já se questionou o que é minoria? São grupos que têm que lutar duas vezes mais para obter a metade dos direitos que os grupos majoritários.

O ambiente escolar é um espaço que historicamente pessoas pretas e pobres não tinham livre acesso. Quando mulheres negras e pobres acessam turmas de EJA para concluir a sua escolaridade, acabam por realizar o desejo dos seus antepassados, pessoas pretas que não puderam estudar devido vivermos em uma sociedade machista e racista. O racismo ainda está em nosso meio, só que agora de modo velado.

O relato abaixo apresenta a dificuldade em ser mulher, negra, de baixa renda, trabalhadora e estudante da EJA é que durante muito tempo na sua vida, cuidar da família foi sua principal prioridade. Este é considerado um exemplo de interseccionalidade, você sabe do que se trata? Interseccionalidade é conceituado como o fato de várias linhas de opressão se cruzarem num único sujeito aumentando ainda mais o preconceito sofrido por ele:

A Sandra explica que ficou trinta anos fora da escola e que tinha parado por causa da família e da necessidade de trabalhar, [...]. A participante (Sandra) destacou a importância do programa para sua formação social, para compreendê-la enquanto mulher e ter um tempo para si mesma. Em seguida, a Martinha iniciou seu relato ressaltando que suas dificuldades se deram não só por ser mulher, mas também pobre e negra. O Mulheres Mil foi o incentivo que ela precisava para voltar a estudar (GD1, interpretação formulada, linhas 1 - 78) (FERREIRA, 2017, p. 173)

Ao lermos as escritoras Bastos; Eiterer (2021, p. 445), considerando os apontamentos de Cabral e Cerqueira a respeito da intersecção de raça, gênero e classe social que acabam limitando alguns grupos, entre eles, o das mulheres negras a determinadas posições. Ao pensarmos nas educandas da EJA, temos que levar em consideração o conceito de interseccionalidade por se tratar na sua maioria de mulheres negras, pobres, com pouca escolarização, sendo em sua maioria empregadas domésticas ou ligadas aos trabalhos relacionados ao cuidado do outro. Os marcadores sociais servem para marcar até onde uma mulher negra pode chegar na sociedade, ao se cruzar determinantes como os de origem, geração, raça, gênero e classe social.

O trabalho doméstico: lavar, passar, cozinhar, não é valorizado na sociedade, por dois fatores: machismo e racismo. Nesse sentido, compreendemos que o gênero ligado ao racismo é um obstáculo aos estudos. Compreende-se que na escola as turmas de EJA devem ser um espaço aberto para a reflexão sobre esses assuntos. Esse debate na escola é para que se tenha mais respeito, para que exista a igualdade de gênero, racial e o respeito às diversidades para assim enfrentar o preconceito e a violência.

- **Cuidar da família (gravidez precoce, companheiro, pessoas mais velhas) e da casa**

Percebe-se que em muitas narrativas as mulheres do EJA colocam como obstáculo para o estudo a necessidade de cuidarem sozinhas ou serem a principal responsável pelo cuidado das filhas e filhos, do companheiro ou demais membros da família. Algumas dessas mulheres se tornaram mães cedo, pela gravidez precoce como no caso abaixo de Júlia (25 anos):

À época da entrevista, ela estava com 25 anos e uma história de vida repleta de desafios. Declara-se como negra e reside, desde a infância, em uma favela de Santa Luzia, na região Metropolitana de Belo Horizonte. É mãe de uma garotinha de 12 anos, chamada Clara.

Quanto aos estudos, concluiu o Ensino Médio no PEMJA no ano letivo de 2006, mas antes de ingressar no Programa de Educação Básica de Jovens e Adultos da UFMG já havia frequentado outras duas escolas. Em uma cursou o 1o Segmento do Ensino Fundamental e em outra iniciou o 2o Segmento do Ensino Fundamental, mas não o concluiu. Segundo ela, parou de estudar na quinta série quando engravidou de sua única filha. À época estava com apenas 13 anos (BASTOS, 2011, p. 78).

Júlia, mulher pobre e negra, conta seu relato de como sofreu violência sexual e como foi tratada pela família e pelas pessoas de seu convívio no ambiente escolar, onde de vítima lhe trataram como se fosse a vilã:

A reação da minha família foi um pouco traumática. Só fomos descobrir que eu estava grávida com seis meses de gravidez. Nem eu sabia que estava grávida. Eu era muito nova e quando meus colegas descobriram que eu estava grávida enfrentei muitos preconceitos por parte deles, dos professores e

principalmente, das famílias dos meus colegas. Todos acompanharam a minha gravidez e criticavam muito a minha situação, por ter sido a única da turma a ter filho muito cedo. Eu acabava sendo muito humilhada, passava os recreios sozinha, ninguém falava comigo. Era muito preconceito. Aí resolvi parar de estudar (BASTOS, 2011, p. 78).

Ou seja, ter sofrido uma violência foi um fator a mais para ela sofrer preconceito, como relata a pesquisadora:

A filha que ela teve foi fruto de um estupro, o que, segundo ela, agravava ainda mais o preconceito das pessoas em relação a ela. O estuprador foi preso algum tempo depois do ato: ele ficou na cadeia uns 7 anos mas saiu há uns três anos de lá e desapareceu. Como vemos, o preconceito que essa colaboradora enfrentou foi muito grande, inclusive por parte de sua família (BASTOS, 2011, p. 78).

Devemos ainda deixar claro em relação a violência sexual que uma sociedade precisa de muito avanço em relação ao feminismo, quando se coloca a vítima no papel de causadora do estupro a sujeitando a outro tipo de violência, a psicológica, a mulher tem que lidar com a dor, de ser excluída, de ser questionada, por exemplo, de qual tipo de roupa usa, qual o horário que estava na rua, o porquê permitiu tal ato.

Por isso, devemos entender também os estudos de gênero. Gênero é uma construção social e cultural que serve para entender as desigualdades entre o ser mulher e o ser homem. Assim podemos dizer que é uma categoria de análise de, por exemplo, expectativa de vida, relações de trabalho e familiar, violência, entre outras, devido ao fato de os estudos de gênero poderem ser incluídos em qualquer área.

Quando homens afirmam que determinado trabalho é coisa de mulher como cuidar dos filhos, de pessoas doentes e da casa percebemos o quanto é grande a sua ignorância porque todo e qualquer trabalho é função do ser humano e não existe a diferenciação de gênero atribuindo determinada função ao homem e uma outra para a mulher

Associado ao trabalho doméstico, o ato de cuidar de outra pessoa que devido a herança do patriarcado é vinculado à figura feminina, se torna mais um obstáculo aos estudos, como mostra a fala de Generosa Carneiro, uma mulher

negra, que tinha que conciliar sua rotina de estudos na EJA com o trabalho e o cuidado da família:

Nesse período de sua vida, além de precisar trabalhar, tinha que cuidar dos filhos e, em suas palavras “como única mulher da família, precisei, também, cuidar do meu pai doente”. Essa situação fez com que ela interrompesse os estudos novamente, não ingressando imediatamente no Ensino Médio. Seus colegas que deram sequência aos estudos foram para supletivos próximos as suas residências, já que, até então, o PEMJA não havia sido fundado (BASTOS, 2011, p.71).

Percebemos que existe uma divisão sexual do trabalho, em que os homens desempenham a função produtiva que para o meio social tem um valor agregado por ser as que comandam a sociedade como o trabalho político, religioso e militar, enquanto à mulher cabe desempenhar a função de reprodutora e cuidadora da prole e do lar. Com isso percebemos que existe culturalmente trabalhos que são de homens e outros que são funções das mulheres, com isso dizem que as mulheres não podem e nem tem capacidade de fazer alguns trabalhos. Vemos assim a desigualdade de gênero que estrutura a sociedade (BASTOS, 2017).

Verificamos que a família é um obstáculo para a escolarização das mulheres e em muitos casos até um impedimento. Algo muito relatado nas narrativas dessas mulheres é que quando essa família não apoia seus estudos, não reconhece o esforço de retornar a sala de aula para terminar a sua escolarização, isso é muito doloroso para essas mulheres, veja no exemplo abaixo de Regina Helena (34 anos), mulher negra e pobre, educanda da EJA:

Nossa, era tanta coisa boa, os colegas, os trabalhos, as viagens. Mas assim, o mais marcante era o carinho, o bem estar que eu sentia com os professores e os coordenadores de lá. Eles faziam a gente se sentir bem. Mas assim, o que mais me marcou mesmo foi minha formatura. No dia dela minha família não foi. Não foi ninguém. Me senti um lixo sabe... Eu fui pro salão e cheguei em casa e minha mãe tinha bebido e falou que não ia. Meus irmãos nem em casa estavam... E meu filho foi jogar futebol na rua. Eu chorei a formatura toda, porque oi triste, a única sem família lá. Ainda bem que os amigos do Churrasco foram, isso aliviou um pouco, me deixou menos triste. Mas mesmo assim, foi muito ruim. Quando eles (a família) ficou sabendo do tanto que eu chorei pediram desculpas e acho que

arrependeram, porque viram que era importante para mim, mas aí não adiantava mais, né? (BASTOS, 2011, p. 92).

A mulher prefere esperar os filhos crescerem, receber a permissão do marido e ter um tempo entre o trabalho formal e os cuidados com a própria casa. Lúcia Maria (68 anos), diz sua visão sobre a mulher no contexto familiar:

Estudar é sem dúvida muito mais difícil pra gente que é mulher. É porque a mulher é uma administradora nata do lar, já nasce assim. Ela sempre vai priorizar o lar e não ela mesma e seus estudos. Ela se doa mais para a família do que o homem, não consegue largar tudo e cuidar de si (BASTOS, 2011, p. 86).

Vemos que a entrevistada tem incorporada a divisão sexual do trabalho, a visão de que a mulher é uma administradora nata do lar, só ocorre porque essa função é ensinada a mulher, e não ao homem. Com isso, vem também a ideia de que a mulher deve colocar a sua família a frente de si mesma e dos estudos. O trabalho de cuidar do outro é uma atividade exercida em sua maior parte por mulheres da mesma família sem remuneração, e caso fosse remunerada teria um impacto de cerca de 10,3% no PIB nacional. Minayo (2021) através da visão de Vasconcelos e Küchemann diz que quando a mulher assume somente para si a função de cuidadora, ela tira do homem qualquer responsabilidade na divisão igualitária das atividades de zelar pelo próximo e pelo lar. Quando o poder público vê tal atitude no seio familiar, ele simplesmente reproduz na esfera pública, não criando leis que amenizem as desigualdades sociais e de gênero. Um fato importante relacionado às mulheres que exercem a função de cuidadoras é que mesmo quando elas conseguem um trabalho remunerado, o seu salário é inferior ao pago às outras profissões e ao pago ao homem (MINAYO, 2021).

Ferreira (2017) apresenta a história de vida de Rosana (47 anos), um relato em que o gênero é relacionado à questão familiar e ao machismo, em que a mulher tem que ser a responsável pelo cuidado com os filhos sendo essa a dificuldade de permanecer estudando:

Rosana: Participou da turma de 2014 do PMMil, tem 47 anos, é casada e tem três filhos. Ficou 30 anos sem estudar e após concluir o curso no PMMil, iniciou o curso técnico em Segurança do Trabalho integrado ao ensino médio, no entanto, não concluiu o curso. Desempregada, seu marido é o maior responsável pelos gastos da casa, seu objetivo era o de se informar melhor sobre possibilidades de trabalhos como recepcionista. Desistiu do curso por pressão do marido que alegava que os filhos adolescentes ficavam sozinhos em casa no período que frequentava a escola. Depois desse contato, não quis mais falar conosco (FERREIRA, 2017, p.163).

A vida escolar da aluna da EJA que não conta com a rede de apoio para cuidar dos filhos menores durante o horário de aula é muito difícil. Estas mulheres por vezes têm que levar os filhos e filhas à escola para poderem concluir seus estudos. O sistema educacional deve pensar alternativas para possibilitar a essas mães um local seguro e adequado para seus filhos e filhas no período noturno enquanto está na escola, como por exemplo uma creche noturna. Ao se pensar em uma política pública com essa temática tem que se considerar as dificuldades dessa mãe/ estudante e também da criança que necessita de local adequado e pessoal capacitado para o seu cuidado (BASTOS, 2017).

Generosa (45 anos), mulher negra e educanda da EJA, ao perceber os diversos obstáculos vivenciados em sala de aula, fez três sugestões para solucionar essas dificuldades:

O problema para mulher estudar, falo pela minha própria experiência é a tripla jornada. Assim, uma ajuda maior do Projeto poderia dar em mais participação das mulheres e mais sucesso delas quando voltam a estudar. Se eu pudesse eu sugeriria três coisas que resolveriam todo o problema maior: - A primeira, que eu mesma acho inviável, mas seria uma boa ideia, seria uma creche no período noturno para os filhos das estudantes. Porque assim, as mães teriam com quem deixar seus filhos e assistiriam aulas tranquilamente. Já teve vez de faltar uma hora para eu estar dentro da sala de aula e eu ainda não tinha conseguido definir com quem eu ia deixar minha filha mais nova. - A segunda coisa seria o transporte social, que deveria vir de um projeto política de criar um vale social para os alunos da EJA. Já teve várias vezes que não fui a aula por não ter dinheiro para pagar a passagem. - A terceira seria um lanche gratuito para os alunos da EJA ou pelo menos um desconto da FUMP25 para a bandejão, igual os alunos da Universidade têm. Eu, por exemplo, só lanchava na cantina em dia de pagamento. Mas muitas vezes, levava o lanche que sobrava aqui do serviço para dividir com meus colegas, que chegava (BASTOS, 2011, p. 76).

Consideramos que a criação de uma creche noturna não seja a melhor opção para crianças que já passam o dia na escola, terem que ficar a noite também. Uma solução melhor seria a criação de um auxílio estudantil para que essas mães tenham condição financeira de pagar alguém para ficar com as crianças em seu período de aula, deixando tanto a mãe quanto as filhas e filhos em uma situação mais confortável e turmas de EJA no período diurno para que essas mães possam ficar em casa à noite com as crianças. Para a mulher que trabalha durante o dia seria necessário a criação de um auxílio financeiro para ela poder estudar em vez de trabalhar. Quando vemos essa sobrecarga nas mulheres, surgem alguns questionamentos: onde se encontram os homens? Qual é o papel do pai na criação dos filhos que não podem ficar cuidando deles enquanto a mãe precisa desempenhar outras funções, como a de estudante? Por que apenas as mulheres têm que se ocupar dos cuidados com os filhos?

Outra questão trata-se de quando não se tem unidade escolar próximo da casa das educandas e educandos, isso se torna um empecilho para os estudos, devido ter que ter um tempo maior para se deslocar de casa para escola e principalmente, devido ter a necessidade de pagar por esse deslocamento. A solução mais viável para esse caso é um valor de auxílio transporte fornecido pelo governo ou a gratuidade do transporte coletivo para os estudantes irem a escola.

Para a população de baixa renda a alimentação na escola de forma gratuita é essencial para a continuidade dos estudos em sala de aula porque para muitas pessoas a insegurança alimentar é um dos principais problemas da sua vida. Já pensou como é para essas educandas e educandos da EJA, após passar o dia todo em um trabalho cansativo ter que ir para a escola com fome e permanecer nesse estado até chegar em casa? Será que esse aluno vai conseguir obter o mesmo nível de aprendizado que uma pessoa que se alimentou? Vivemos em um país em que para algumas pessoas a merenda escolar é a única refeição garantida que a pessoa tem.

Para finalizar este eixo, destacamos outros obstáculos sentidos pelas mulheres, educandas da EJA, que foram citados nos trabalhos consultados foram: a questão de gênero em casos em que a família prefere o estudo dos filhos nascidos homens do que das filhas, ou quando o companheiro dificulta

essa escolarização e quando a mulher deixa de estudar devido se encontrar grávida.

A pesquisadora em EJA, Carmem Lucia Eiterer, em sua pesquisa, Aspectos da escolarização de mulheres na EJA", afirma que o afastamento precoce da escola tem como principal causa segundo os depoimentos da sua pesquisa, a gestação, o cuidado com os filhos e a família e a submissão ao pai ou ao marido. No mesmo texto, Eiterer, aponta que durante muito tempo o ato de cuidar era considerado uma função feminina é uma obrigação imposta pelo casamento. Logo compreendemos porque muitas mulheres foram proibidas de frequentar a escola, como já citamos no capítulo 2, para o ato de cuidar não existe a necessidade de escolarização, é uma atividade passada de geração a geração pelas mulheres da família, além disso existia a crença que a moças iam à escola para se “perder”, ou para procurar namorado (EITERER et al., 2014)

Eixo 2 – Motivação para estudar

Neste eixo temos três itens: trabalho; fazer faculdade, curso técnico e tirar habilitação e autoestima, autonomia, sociabilidade e apoio.

- **Trabalho**

Uma das grandes motivações que fazem as pessoas retornarem a escola é conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho e ter um salário maior, melhor qualidade de vida, trabalho mais leve e poder alcançar melhor status social. Também tem aqueles sujeitos que nunca trabalharam devido à baixa escolaridade.

As estudiosas da área da EJA Ana Cláudia Ferreira Godinho, Ana Catharina Mesquita Noronha e Nágela Aparecida Brandão, em Contribuições do pensamento Freireano para a escolarização de mulheres trabalhadoras na educação de jovens e adultos (2017), dizem que a existência de mulheres cursando a Modalidade de Educação de Jovens e Adultos é um fator que pode estar associado ao trabalho precário que têm que desempenhar devido a pouca escolaridade (GODINHO, 2012; 2015). Essas mulheres retornam a sala de aula

em busca de ter uma certificação escolar para conseguir uma melhor colocação no mercado de trabalho e assim, uma maior remuneração para a própria subsistência e de seu núcleo familiar. Em virtude da situação mencionada, podemos concluir que um dos fatores do retorno dessas mulheres para a escola está relacionado à busca de um melhor emprego.

Essa questão é marcante em mulheres que, como já bastante mencionado neste trabalho, exercem o trabalho de empregadas domésticas, elas buscam retornar aos estudos se pensando na qualificação para exercer outra atividade remunerada devido ao trabalho doméstico ser muito pesado chegando a ocasionar mal à saúde de quem o desempenha. Fernanda (53 anos) fala sobre isso:

Fiz duas vezes o concurso para entrar no Ifes depois do Mulheres Mil. Fazer o curso faz a gente lembrar de muita coisa da escola e ver que é bom estar na escola. Pedia muito a ajuda dos professores para fazer os exercícios da apostila para passar no Ifes. [...] Eu gosto da faxina, sempre gostei de fazer, desde pequena em casa, mas eu fico muito cansada, né? Tem dias que dói tudo e fico sem respirar direito. E eu penso que outro trabalho é mais leve, não vai prejudicar tanto minha saúde. E tem também que sempre gostei de estudar também, sempre falei pra meus filhos que é importante (FERREIRA, 2017, p. 172).

Os relatos das duas entrevistadas demonstram o que as pesquisadoras da área de EJA, Bastos; Eiterer (2021, p. 455), se baseando nos escritos de Alves afirmam sobre o trabalho realizado pelas mulheres, é um trabalho que tem que ser reconhecido pela sociedade como uma ocupação produtiva, com remuneração adequada para esta mulher conseguir manter a si própria e ao seu núcleo familiar. Essa mulher trabalhadora tem que ter assegurada a sua condição de liberdade, saúde e segurança enquanto desempenha suas funções, assim como a sua dignidade.

Ao se analisar a escolaridade das mulheres inseridas na EJA percebe-se que quanto menor for o grau de escolaridade, menor será a remuneração que esta profissional encontrará no mercado de trabalho e também isso reflete na atividade ocupacional que, para quem não tem estudos, será em alguma função referente ao trabalho doméstico ou ao cuidado (BASTOS, 2017).

Outro ponto, presente na fala de Dona Augusta (64 anos) e que demonstra essa desvalorização do trabalho doméstico, é a falta de recursos próprios da

mulher que não trabalha fora. Percebemos como é difícil a vida da mulher dependente financeira do companheiro, que nunca pode trabalhar fora de casa devido a pouca escolaridade. Ela relata que preferiu a educação dos filhos a sua:

[...] estudar me daria a chance de conseguir um emprego e assim poder trabalhar fora. Ter meu dinheiro sabe. Comprar o que eu quiser sem precisar ficar dando satisfação. E além disso, quando você trabalha fora você tem amigos, você tem assuntos, tem o que fazer, não fica só cuidando das coisas de casa, que é tudo igual sempre (BASTOS, 2011, p. 66).

Dona Augusta destaca que sempre quis estudar para se inserir no mercado de trabalho para ter a sua independência financeira. Ela ressalta que um dos motivos para querer estudar é para sair de casa e conhecer novas pessoas, com isso, sentimos a solidão em ser dona de casa. Quando a mulher dedica a sua vida à família e ao cuidado do lar acaba tendo um ciclo de amigos restritos, vamos voltar a este tema no item C.

No caso de Regina Helena (34 anos), que se autodeclarou negra, e trabalhou com limpeza e serviços gerais toda a vida, a motivação para estudar também é conseguir um emprego melhor pensando num futuro melhor para o filho:

Eu queria muito estudar porque eu queria um emprego melhor, pra poder investir mais no meu filho. Foi daí que tirei forças para voltar a estudar. Porque eu assim, eu nunca tive uma boneca, nunca tive uma festa de aniversário. Minha família nunca foi muito afetuosa, acho que as dificuldades fizeram as coisas ser assim, e eu queria dar tudo isso pra ele. E meu sonho é comprar uma casa só pra gente (BASTOS, 2011, p. 91).

Regina Helena se motivou a estudar para buscar o melhor para a sua família, com a intenção de buscar um trabalho com melhor remuneração. Ela cita a vontade de conquistar através dos estudos as coisas que não tinha na infância como, brinquedos para o filho e uma casa própria. Conseguir a casa própria também é uma motivação recorrente, ainda mais nos casos, como explica Eiterer (2016), das mulheres que trabalham desempenhando a função de empregadas domésticas e têm que dormir no trabalho, devido o desconforto que é viver dentro da casa de outra família. É o exemplo de Júlia Silva (20 anos), mulher branca que mora no emprego, sua fala deixa claro que o motivo para voltar a estudar é

concluir o Ensino Médio e conseguir trocar de área de trabalho e alcançar seus sonhos:

Olha, sonho a gente tem muitos, né? Mas pra agora o que eu quero é arrumar outro emprego e sair daqui. Porque por mais que eu seja bem tratada, não gosto de ficar incomodando os outros. Também vou voltar a estudar. Já matriculei em outra escola, já que na nossa não vai mesmo abrir turma de 5ª série. Aí, com mais tempo eu quero formar no Ensino Médio pra mudar de emprego. Queria ser secretária em algum escritório ou consultório. Acho mais fácil e valorizado. Voltar pra Almenara eu não quero não. Quero casar com meu namorado, comprar uma casa, pode ser um barracão mesmo... Ter filho, essas coisas... Mas morando aqui em Belo Horizonte (BASTOS, 2017, p. 125).

No mesmo sentido, Rose (52 anos), mulher negra que reside na casa dos patrões, diz do seu sonho de estudar e se tornar chefe de cozinha:

Eu gosto do meu emprego. É bom. Sou bem tratada, respeitada. O Jorginho até me pede benção... Mas a gente tem sempre que querer melhorar. Quero meu canto, minha casa. Pra isso tenho que estudar. E meu sonho é formar pra ser cheff. Quero trabalhar num restaurante chique ou então abrir minha própria loja de quitutes... Pode ser de cupcakes, que está na moda, ou de outra coisa... Eu cozinho de tudo e tudo fica bom... Aí, quando desanimo de ir pra escola, principalmente sexta à noite, que eu gosto é de ir pro forró, eu penso: "Rose, Rose, você tem que estudar pra ser cheff..." (BASTOS, 2017, p. 117).

Percebemos que junto com esse conhecimento adquirido através do estudo, essas mulheres também estão procurando uma melhor colocação no mercado de trabalho, aqui também vemos o desejo da casa própria.

- **Fazer uma faculdade, curso técnico e tirar a habilitação**

Ao longo das falas apresentadas vimos casos de pessoas que pensam em seguir estudando que é também visto como uma forma de ter um melhor emprego, condições de vida. Neste item destacamos algumas pessoas que desejavam estudar e alcançar uma nova situação para si mesmas, por meio da continuidade nos estudos, como formadas em algum curso técnico ou superior.

Lucia Maria (68 anos) em sua entrevista para Bastos diz que como várias pessoas conhecidas se formaram, está pensando em fazer um curso superior:

Ah, eu to querendo mesmo fazer faculdade. A coragem ta vindo, vai chegar. Me espelho muito na dona Elvira, que mesmo tendo perdido o neto com câncer recentemente, se formou em enfermagem. A outra, a Sonia, fez um curso pra ser professora de escolinha. Aí, vou vendo, pensando, e aí vô ver se tomo vergonha e estudo também (risos). (BASTOS, 2011, p. 87).

Regina Helena (34 anos) também contou o sonho de ter um curso técnico, por isso buscou a EJA para concluir o Ensino Médio:

Outra coisa que me fez buscar a escola é que eu sonhava em fazer o curso de auxiliar de enfermagem, mas para isso eu precisava do 2º grau. Depois mudei de ideia, ainda to muito perdida de que caminho seguir na vida. Hoje eu já quero fazer faculdade, mas não sei de quê. A situação financeira não me permite ainda pensar nisso (BASTOS, 2011, p. 91).

Tirar a carteira de habilitação é outro exemplo das motivações que fazem os sujeitos retornarem à sala de aula para conseguir mais aprendizagem. Entre todas as pesquisas deste estudo, o único relato masculino foi de João (43 anos), homem negro, que reside na casa dos patrões e desempenha a função de trabalhador doméstico:

Eu só quero “pegar” a 4a série. De profissão eu não sei ainda o que quero. Mas quero mudar. Quero mudar de trabalho, mas não sei porque e nem pra qual. Só o tempo determina a gente. A carteira de motorista eu quero muito tirar e quem sabe comprar um carrinho pra facilitar ir pro Espírito Santo... E quero muito ficar que nem os outros é... Estudado, falando bem... (BASTOS, 2017, p. 154).

Antes João trabalhava na construção civil e por considerar o trabalho muito pesado e ter recebido uma proposta financeira mais vantajosa para trabalhar em uma casa de família, mudou de profissão. Ao desempenhar a função que antes considerava que seria um trabalho mais leve por ser desempenhado por mulheres, acabou mudando de opinião por estar sempre cansado e atarefado e já pensa em mudar de profissão. Por receio do que os

amigos vão pensar a respeito da sua sexualidade, prefere dizer que atua como caseiro.

- **Autoestima, autonomia, sociabilidade e apoio**

Vemos que existem variados motivos para que muitas mulheres voltem a estudar em turmas de EJA que vão além de conseguir uma certificação, tem pessoas que estão em busca de aprender a ler e escrever para conseguir assinar o próprio nome, tem pessoas que querem conseguir entrar na faculdade e concluir um curso superior, etc. As motivações são interrelacionadas, neste item vamos reunir relatos das mulheres que buscaram resgatar sua autoestima que estava perdida devido a não estudarem, tinham vergonha de não terem terminado a escola, de serem analfabetas, tinham vergonha por não terem assunto para conversar. É o caso de Dona Augusta (64 anos):

Nunca perdi a vontade de estudar, mas tive que esperar a hora certa. Estudar pra mim era além do diploma, que todo mundo quer, era a minha chance de poder aprender alguma coisa e poder trabalhar depois. Em qualquer coisa, o que eu queria mesmo era trabalhar e ganhar meu dinheiro, pagar minhas coisas, meus cursos, viajar sem pedir nada pra ninguém. Eu acompanhei meus filhos e vejo que hoje, sem estudo, você não trabalha em nada. Por isso que eu nunca trabalhei, porque não tinha instrução. E além disso, do emprego, pra mim, estudar ia ser bom demais, porque ia conhecer gente da minha idade, conversar e em casa, não ia ter que só ouvir, ia poder contar também (BASTOS, 2011, p. 66-67).

A educanda da EJA, Lúcia Maria (68 anos), mulher que se autodeclara parda, mesmo se encaixando na sociedade como relata, conta que sentia vergonha de não ter estudos formais e chegava a mentir para conhecidos:

Eu tinha muita vergonha de não ter estudado tudo. E as pessoas costumavam achar que eu tinha curso superior, me perguntavam e eu com vergonha, falava que sim. Eu sempre trabalhei com decoração, mas antes meu escritório não era em casa, como te falei, era lá na Savassi. Aí, minhas clientes, todas muito bem de vida, achavam que eu tinha estudado e formado em algumas coisas, porque eu sempre falei bem e tinha meu próprio negócio. E os lugares que a gente ia, os amigos todos, eram bem de vida, tinham estudo, só eu que não, então preferia mentir, porque morria de vergonha (BASTOS, 2011, p. 83).

Aqui se encontra um relato que mostra a vergonha junto ao meio social de não ter podido estudar na infância e agora já na fase adulta vai à escola para aprender a ler e escrever. Essa é a fala de Irene Soares (65 anos), mulher negra que mora na casa dos patrões:

Eu fui pra escola por minha conta mesmo. Via o pessoal passando de uniforme aqui na porta do prédio e me inspirei. Fiquei com vontade de estudar, fui e me matriculei. Eu fui pra escola pra aprender a escrever o meu nome. Tinha muita vergonha da minha identidade com o meu dedão lá em vez da assinatura. E em todo lugar era assim, só assinava com o dedão. Aí eu aprendi a assinar, tirei a identidade nova e empolguei. Fiquei inspirada a pegar o diploma da 4a série. Quero ele lá num quadro para mostrar pra todo mundo que eu sou pobre, nasci pobre, mas dei a volta por cima e estudei (BASTOS, 2017, p. 102).

Assim como muitas mães vão estudar para auxiliarem as filhas e filhos nas atividades escolares, abaixo temos um relato de uma mãe que ao ver o filho prestes a entrar na faculdade começou a estudar para aprender a ler e escrever e não deixar o filho com vergonha por ter uma mãe analfabeta. Maria do Rosário, 48 anos de idade, mulher negra. É solteira e tem um filho de 22 anos, estudante de engenharia civil, fala o motivo que a levou a estudar:

Eu sempre quis estudar. Mas faltava aquela coragem. Aí, os padrinhos do Nick me incentivavam muito. Eles sabiam que eu não queria mudar de profissão e nem quero ainda, mas eles diziam que ia ser bom pra minha autoestima, pra eu me valorizar. E ainda me amedrontavam dizendo que em breve o Nick entraria pra faculdade de engenharia, porque nessa época ele já sabia o que queria fazer, e ele tinha que ter uma mãe que sabia pelo menos ler e escrever direito (BASTOS, 2017, p. 129).

Guacira Lopes Louro, em seu escrito - Mulheres na sala de aula (2009), aponta que na história da educação brasileira, apenas no século XIX as mulheres alcançaram a permissão legal para estudar, sendo somente as mulheres brancas. E que depois, a partir do século XX, negras e indígenas começam a entrar na escola também. Um fato que não se modificou até os dias atuais é que meninas pobres, geralmente pretas e indígenas, sempre tiveram que trabalhar, desde muito cedo e no trabalho doméstico, que é infinito. Por isso, essas mulheres ainda sonham com o estudo, com um curso, com a liberdade de dirigir,

porque trata-se ainda de uma conquista histórica, a possibilidade de as mulheres pensarem, de se formarem, de terem conhecimento formal e liberdade (habilitação).

O texto intitulado, Contribuições do pensamento Freireano para a escolarização de mulheres trabalhadoras na educação de jovens e adultos, das autoras Godinho, Noronha; Brandão (2017), retrata que a Educação Popular dentro da EJA fez o resgate do reconhecimento, da valorização de experiências e saberes das alunas e alunos levando em consideração o processo educativo emancipatório que ocorre dentro e fora do ambiente escolar. Quando afirmamos que as alunas e alunos da EJA são sujeitos de direito, estamos atestando que a escola é um espaço democrático onde tanto mulheres quanto homens não vão encontrar ali a reprodução de preconceito contra jovens e adultos dos grupos populares que estão ali inseridos, mas ao contrário, na escola encontraram um espaço para estudo e debate da problemática das experiências de vida e do campo do trabalho, sendo uma fonte de histórias, troca de cultura e saberes entre si (GODINHO; NORONHA; BRANDÃO, 2017).

Retomamos o exemplo de Dona Augusta (64 anos) que se sentia inferior devido não saber se comunicar bem por causa da sua pouca escolaridade. O que motivou o retorno à escola foi sentir vergonha de falar em público, de não ter domínio de assuntos que os amigos do marido falavam, causando constrangimento a ela e ao companheiro, conforme Bastos (2011, p. 65):

Direto a gente saía e eu falava besteira. Tava ali, em um restaurante casais de amigos do meu marido e eu sempre queria participar da conversa. Pensava antes de falar direitinho, ordenava as ideias pra tentar impressionar, só que quando eu abria a boca sempre dava uma manota, uma mancada e eu via pela sua expressão que estava mortinho de vergonha. Com o tempo, eu fui parando de falar, ficava quieta, não participava das conversas. [...] Meu velho sempre deu uma vida muito boa pra mim e pros meninos, eu não posso reclamar, porque disto nunca faltou nada aqui em casa. Só que o que eu sentia falta era de ter assuntos, de saber conversar sobre tudo com as pessoas e não me sentir pior, ficar com vergonha.

Além de se comunicar de uma forma melhor, muitos sujeitos retornam à escola para ter um convívio social, como pessoas que estavam em depressão e buscam a escola para fazer novas amizades. Diversas situações na vida levam

as pessoas a depressão. Para melhorar esse quadro de doença mental, além de acompanhamento psiquiátrico e psicológico existe a necessidade de a própria pessoa querer mudar essa situação. Ao retornar a escola, mudar de ambiente, conhecer novas pessoas e ter novos aprendizados, se pode ter uma efetiva melhora desse quadro de depressão. Ferreira (2017) cita em sua pesquisa o exemplo de Maria de Lourdes (52 anos), mulher negra:

A decisão de voltar a estudar foi após perder um filho, que tinha 23 anos, e enfrentar uma depressão. Para não lidar com a situação tomando remédios, ela decide terminar o ensino fundamental. Durante esse tempo, ela começou a frequentar o curso do Mulheres Mil o que a levou a conhecer o Proeja (FERREIRA, 2017, p. 161).

Sendo tão marcante na trajetória das mulheres da EJA, também devemos citar a relação do trabalho doméstico e a saúde mental. Em razão de ser uma ocupação de ter que cuidar de casas e pessoas, acaba afetando a saúde mental de suas trabalhadoras que além de ter que desempenhar um trabalho pesado e mal remunerado, as mulheres que dormem no trabalho tem o seu desgaste ainda maior devido não ter horário fixo de trabalho.

Outro exemplo são as mulheres cuidadoras. Temos visto que o ato de cuidar de outra pessoa afeta sobremaneira a vida da cuidadora se for comparado essa atividade profissional com outras percebemos, que as cuidadoras têm a sua saúde física, mental e uma sobrecarga de trabalho maior que outras profissões. Chama a atenção os danos à saúde mental desses profissionais, principalmente as que exercem atividade laboral há muito tempo que acabam desenvolvendo agravos como depressão, ansiedade, estresse, insatisfação com a vida e acabam tendo de fazer tratamento de saúde mental com uso de medicamentos controlados para regular esses danos. Um dado relevante que nem sempre é levado em conta, e acaba sendo mais uma sobrecarga para a mulher que lida com o cuidar do próximo são os gastos adicionais que advêm dessa função como por exemplo: maior gasto com água, energia, medicamentos, alimentação, transporte, cuidados médicos e adaptação da residência para ficar adequada para receber a pessoa que necessita de cuidados. Devemos salientar aqui que essas mulheres apesar de toda a sua dedicação ao trabalho de cuidadora que pode chegar até a resultar em

complicações a sua saúde, perante a lei não tem respaldo jurídico, o que nos faz refletir que isso é uma injustiça social visto que elas trazem conforto e bem estar a quem cuida é são esquecidas pelos nossos legisladores (MINAYO, 2021).

Outra questão ligada à saúde mental é a solidão de algumas mulheres que passaram a vida dentro de casa (casa delas ou dos outros) cuidando de todos (como filhos, netos, mãe, avó ou empregada doméstica) e quando envelhecem podem se sentir sozinhas, sem ter com quem conversar, assim como cita Dona Augusta (64 anos):

Quando vi que cada um já tinha sua vida garantida, eu resolvi estudar. Estava ficando sozinha em casa mesmo. Os meninos cada um com sua vida, e meu marido não é muito de conversa. Aí quis estudar. Meus filhos me apoiaram muito e o Pedro, me indicou o CP. Ele estudou lá na UFMG e viu a propaganda do curso de velhos. Eu fui e fui fazer uma prova (BASTOS, 2011, p. 66).

A solidão é uma das causas da depressão. Pessoas que passaram a vida toda de forma ativa, trabalhando com intensa vida social e familiar, ao chegar na velhice e se encontrarem sós, podem desenvolver problemas de doença mental como a depressão. As pessoas que se encontram próximas a um sujeito deprimido podem incentivar além do tratamento médico e psicológico, a fazer atividades de lazer, tirar um tempo para fazer algo para si, como retomar os estudos. A mulher trabalhadora quando recebe uma motivação das pessoas que a cercam tem o seu bem estar restabelecido mais rápido.

Podemos dizer que o apoio da família, dos amigos e dos patrões são essenciais para a permanência dessa mulher em uma turma de EJA. Quando o patrão incentiva o aumento de conhecimento da empregada doméstica, cumpre com a legislação, respeita seus horários de trabalho, motiva essa mulher a retornar e concluir seus estudos. Maria Nina (44 anos), mulher parda que reside na casa dos patrões, conta que no próprio ambiente de trabalho foi estimulada a estudar e que se motivou pela possibilidade de conseguir um emprego melhor:

Minha patroa é muito bacana. Bacana mesmo. Ela, meu veio [referindo-se ao namorado] e minha filha sempre me falaram pra estudar, que eu era inteligente, que valia a pena. Mas o que contou mesmo foi minha ideia de estudar, abrir a mente e conseguir um emprego melhor. A patroa é boa, mas ninguém merece ser doméstica a vida toda, né? [risos] Eu quero é ser

secretária, usar saia, salto, escovar o cabelo, andar de unha feita...[risos] (BASTOS, 2017, p. 135).

O apoio e incentivo, principalmente para o retorno aos estudos, fazem toda a diferença e também nos momentos mais difíceis da rotina dos e das estudantes. Vejamos o exemplo de Generosa (45 anos):

Somos movidos por estímulos, isso é determinante. E eu, para chegar até tive estímulo do meu atual marido e dos meus filhos. Mas outra coisa que contou muito foi aqui no serviço, todos nós pactuamos que quem estava estudando continuaria e quem não estava voltaria a estudar, porque isso ia fazer a equipe crescer e desenvolver mais. Então, quando um desanimava com o cansaço ou outra coisa, os outros apoiavam, davam força e não deixavam desistir. Sabe aquele senhor que você viu lá na sala? Ele começou a faculdade de Engenharia agora, tem um mês só... Ele chegou aqui hoje mais cedo triste, desanimado, porque não está dando conta, está difícil o curso, o cansaço... mas a gente conversou com ele e tentou dar uma injeção de ânimo, para ele não desanimar (BASTOS, 2011, p. 74).

Mesmo com as dificuldades, como o trabalho, a responsabilidade das tarefas domésticas, o estímulo do marido, filhos e amigos fez a diferença para Generosa continuar os estudos.

Eixo 3- A EJA e o empoderamento das mulheres

Este eixo tem por objetivo reunir narrativas das mulheres do EJA que demonstram as contribuições da escola para o empoderamento delas. Diferente dos outros tópicos aqui tem um conceito que é o de empoderamento. Vamos compreendê-lo melhor?

Yasmim Cardoso Alves, em seu trabalho de conclusão de curso com o tema “Trajetórias da vida de mulheres da EJA: O papel da escola no empoderamento feminino” (2019), conceitua empoderamento feminino como o ato de criar formas de participação social para as mulheres, lhe dando voz ativa e vez para que se posicione em todos os espaços da sociedade.

O conceito de empoderamento está relacionado ao de autonomia, para Verônica de Oliveira Leal, em “Sempre queremos aprender: a EJA e o

empoderamento da mulher na educação pública de Teresina – PI” (2018), é preciso entender que, ser autônomo está ligado à habilidade de tomar decisões sobre a própria vida e dos grupos que fazem parte, escolhendo o que é melhor sem a imposição de ninguém.

Segundo Joice Berth (2019), existem diversos referenciais no campo do Serviço Social realizado com a população negra. Barbara Bryant Solomon é considerada a precursora da Teoria do Empoderamento. Leal (2018) aponta que o conceito de empoderamento tem o seu surgimento associado tanto ao Movimento Feminista quanto ao Movimento Negro, no contexto de lutas sociais na década de 1970. No caso dos grupos feministas, por exemplo, o conceito de empoderamento foi utilizado para quebrar os modelos vigentes nos quais a mulher era impossibilitada de ter participação em determinados espaços considerados masculinos.

Berth (2019) também menciona as contribuições de Paulo Freire para o conceito, devido à sua Teoria da Conscientização (1960). A Teoria da Conscientização parte da reflexão da realidade concreta em que os sujeitos estão inseridos, para a partir disso, os grupos oprimidos chegarem à libertação. Berth (2019) diz que para Paulo Freire os grupos inferiorizados deveriam se empoderar através da tomada de consciência crítica da realidade vivenciada para chegar a uma prática transformadora. Compreendemos que consciência crítica é a forma que as coisas ocorrem de forma aprofundada. Agora consciência ingênua é aquela que tem a intenção de dominar e para isso, trata os fatos conforme o seu interesse.

Após essa breve conceituação sobre o que é empoderamento, devemos informar que ao fazer o levantamento desta pesquisa, notamos que as mulheres da EJA, tanto as cursistas como as egressas, reconhecem a importância da escola e dos estudos no campo do trabalho, devido a relevância de uma certificação para conseguir concorrer a um emprego melhor, para prestar um concurso público, entrar na universidade, para adquirir consciência crítica a respeito do papel da mulher, do machismo, do racismo, entre outros, como poderemos ver a seguir.

- **Importância dos estudos para o mercado de trabalho**

Através da EJA muitas mulheres conseguiram ampliar os seus estudos, realizar o sonho de conseguir um diploma, prestar concurso público e entrar no mercado de trabalho. Essas mulheres através do seu esforço se tornaram exemplos para outras mulheres.

Ao refletir sobre as declarações de Leal (2018), entendemos que empoderamento consiste em aumentar o poder e a emancipação pessoal e coletiva das pessoas que sofrem opressão, discriminação e dominação, com isso, levando a mulher a alcançar espaços que antes eram negados a elas.

Regina Helena (34 anos), mulher negra, ressalta a importância da EJA para concluir o Ensino Médio e ter a oportunidade de conseguir um emprego melhor e prestar um concurso:

Hoje eu posso fazer um concurso a nível Médio, como eu fiz um que teve pra UFMG, pra trabalhar lá... E eu não fui tão mal, pra um primeiro concurso fui até bem E agora, eu também posso chegar em uma agência de empregos e falar que tenho o Ensino Médio, aí as oportunidades são maiores (BASTOS, 2011, p. 94).

Uma grande prova de empoderamento feminino é ver que a história de vida foi mudada, ver que mulheres conseguiram estudar e conseguiram uma melhor posição no mercado de trabalho, mudando a sua situação socioeconômica, ocupando cargos de liderança e conseguindo empreender:

Eu falei hoje pra o pessoal, tava falando pra pessoa que... Eu não vou trabalhar pra ninguém, eu vou trabalhar pra mim mesma, né? O professor tem dado as aulas, explicado como é, trabalhar pra mim, como guia de turismo mesmo, eu mesmo fazendo as minhas escalas, meus passeios, eu mesmo dirigindo, porque eu não gosto que ninguém fica mandando em mim não, não gosto (SUELY, 55 ANOS, GD2, transcrição, linhas 133 – 137) (FERREIRA, 2017, p. 197).

Uma forma de uma mulher empoderar outras mulheres é através da própria conscientização que juntas elas podem tornar a vida de todas mais fácil, por exemplo, quando uma mulher recebe seu salário e tem que comprar algo, se ela compra de outra mulher, ela faz o dinheiro circular entre mulheres, garantido o sustento desta outra e assim impulsionando outra mulher.

Leal (2018), a partir de uma análise baseada nas ideias freireanas a respeito do empoderamento de mulheres educandas da EJA, diz que elas atravessam um processo de conquistas e reconquistas de autonomia e

autoestima ao voltar a escola para desenvolver novos conhecimentos e ampliar os seus horizontes. Essa expansão de visão de mundo ocorre tanto no contexto da família, do trabalho, da sociedade, da cultura, da política, economia. Essas mulheres passam de pessoas invisíveis, sem poder de fala a protagonistas de tudo o que envolve a sua vida.

Maria Eloiza (54 anos), mulher que passou por muita dificuldade na infância, viu na EJA uma forma de superar as dificuldades financeiras e conseguir um trabalho:

Me defino como uma mulher de sucesso educacional e profissional. Quando olho para o passado da menina de 8 anos em uma zona rural, sem condições materiais para correr atrás de um futuro melhor, mas que correu atrás e conseguiu estudar em uma das melhores universidades do Estado – a Universidade Federal do Piauí, que após ter passado pela experiência da escola como auxiliar de secretária; professora; diretora de escola e está conseguindo dá uma contribuição para a educação do seu Estado, na modalidade em que foi acolhida, enquanto técnica na coordenação de ensino da Secretaria de Estado da Educação e ainda no município como coordenadora pedagógica, sinto que o destino foi generoso comigo. Sou muito grata por tudo! (MEMORIAL DE FORMAÇÃO MARIA ELOIZA, 2019) (NERES, 2020, p. 135).

Empoderar-se é ser livre, é conhecer o seu próprio valor e se impor quando houver necessidade, tendo vez e voz para acabar com rótulos que as mulheres sempre tiveram, por exemplo, que o lugar da mulher é na cozinha. Ao se empoderar, a mulher vai compreender que o seu lugar é onde ela quiser estar, porque quanto mais a mulher se empodera, mas ela se valoriza, maior fica a sua autoestima ao encontrar em outro sujeito o respeito e a igualdade.

- **A importância da EJA para a ampliação dos estudos**

Compreendemos que Paulo Freire (1996) vê o diálogo como algo que está entremeado com a natureza histórica dos sujeitos devido ao fato de sermos seres comunicativos e através da dialogicidade fazemos um momento de reflexão da realidade para podermos transformá-la. É preciso criar espaços para que o empoderamento aconteça como na escola, em turmas de EJA, onde a informação transmitida é uma forma de empoderar indivíduos.

Na EJA é papel do professor acreditar na educação e educando quando a sociedade e às vezes até a própria pessoa não acredita, incentivando nas conquistas de seus sonhos. Generosa (45 anos) conta que ao concluir o Ensino Médio, prestou vestibular, foi aprovada numa instituição particular e considera que teve um bom desempenho no vestibular da UFMG, mesmo sem a aprovação:

Talvez, se eu não tivesse passado pela EJA, não teria ido tão bem no vestibular. Os Projetos me fizeram muito bem. É porque lá eles não formam o aluno decorante e sim o aluno pensante. Esse é o maior preparo para o vestibular, pro ENEM e para a vida de um adulto (BASTOS, 2011, p.72).

Para Joice Berth (2019), dialogando como pensamento freiriano, o Movimento Feminista nos anos 80 ao se referir ao conceito de empoderamento, se questionava a respeito de sujeitos oprimidos, não de forma abstrata, mas, em toda a sua complexidade de opressão que é marcada por gênero, classe social, raça, sexualidade. Ainda segundo Berth (2019), os escritos de Freire nos levam a encontrar formas de acabar com as desigualdades que se interseccionam em diversas categorias em que o sujeito opressor e a vítima oprimida se encontram como, ao destinar determinado espaço para apenas um gênero, uma raça e uma classe social. Este é o relato de Fabiana (36 anos):

Minha vida começou a mudar, já não era mais apenas para concluir o Ensino Médio, comecei a sonhar com um curso superior, ou seja, minha paixão pela Pedagogia despertou. Comecei a lutar por esse sonho, mas não queria um curso em qualquer lugar, queria na UFPI, e em 2015.2 consegui passar para Pedagogia. Enfim, meu sonho se tornou realidade”. (MEMORIAL DE FORMAÇÃO FABIANA, 2019) (NERES, 2020, p. 122).

A trajetória de Fabiana demonstra o empoderamento de uma pessoa que concluiu os estudos na EJA chegar ao ensino superior público, principalmente quando sabemos que no Brasil sempre existiu a concepção que as universidades públicas são um espaço da elite, que vão até lá para ter acesso às ciências e as pessoas das classes menos favorecidas têm no máximo a oportunidade de cursar um ensino técnico destinado à formação para o trabalho, que será comandado por uma pessoa da elite que teve acesso a uma educação superior.

- **Transformar as suas qualidades, habilidades, autoestima e comunicação**

Agora vamos falar de outro empoderamento que as mulheres estudantes da EJA, alcançaram através dos seus estudos, conforme encontramos nas pesquisas estudadas. Para algumas foi uma transformação em seu interior, como conquistar maturidade, transformar qualidades, desenvolver habilidades como escrever um livro, viajar para fazer a apresentação de um trabalho, melhora da autoestima e desenvolver habilidade de trabalhar em grupo.

Júlia (25 anos) conta que começou a escrever poemas:

O que mais me marcou na escola, foi o que fizeram por mim. Meu professor de expressão cultural organizou uma publicação interna de um livro meu de poesias. Eu escrevi, ele corrigiu e na semana cultural a gente lançou. Aí, eu dei autógrafos, minha família foi ver o lançamento. A gente deu de graça um livro pra cada aluno da escola. Foi o dia mais feliz da minha vida (BASTOS, 2011, p. 79).

Bastos (2011) conta que Júlia considera que sua vida mudou muito quando concluiu os estudos, que passou a ter metas de vida, como ingressar no curso superior:

Para ela, o Programa mudou sua vida para sempre porque a fez acreditar que era igual as outras pessoas, apesar do que havia acontecido em sua adolescência, a fez descobrir seu talento de escrever poesias e deu a ela um sonho para lutar por ele, que é de concluir a faculdade: “[...] só não estou totalmente feliz porque ainda falta conseguir o curso superior” (BASTOS, 2011, p. 80).

Quando se pergunta a uma criança negra o que ela quer ser quando crescer. Se ela responder, escritora e poeta para alguns pode até soar como um atrevimento devido a pouca representatividade e o apagamento que existe de pessoas negras nessas áreas.

Quando a EJA se torna um espaço para desenvolver potencialidades e realizar sonhos, percebemos que a educação venceu. Sabemos que o currículo das escolas tem poucas referências a autoras e autores negras e negros. A pessoa negra ao não encontrar um indivíduo igual como referência nas áreas acadêmicas, da ciência, da literatura, da poesia faz com que elas se sintam

deslocadas nesses ambientes, isso faz com que esses indivíduos encontrem menos sentido em estudar.

Lúcia Maria (68 anos), que tinha vergonha por não ter estudado na infância, através da EJA conseguiu se superar e ir fazer uma apresentação de um trabalho em outra cidade:

Se eu tiver que falar o que mais me marcou na escola eu não tenho dúvidas. Foi o NEPSO. A gente tinha que escolher um tema para pesquisar e eu escolhi o tema, volta às aulas a qualquer tempo, pensando na gente mesmo, da nossa sala. Aí, fui apresentar esse trabalho lá em São Paulo. Foi maravilhoso. Tudo por conta do NEPSO, ninguém pagou nada. Isso mexeu muito comigo. Me senti importante, me incentivou a estudar. Se eu dava conta desse trabalho, de apresentar ele, também dava conta mesmo dos estudos. E assim como eu, todos os meus colegas que participaram nesse ano ou em outro ano, também sempre gostou muito. Esse trabalho valoriza a gente (BASTOS, 2011, p. 84).

Guareschi se referindo ao livro “Medo e ousadia” (1986) de Paulo Freire e Ira Shor, faz uma advertência para que o termo empoderamento não seja utilizado de maneira inadequada como no sentido de dar poder a um sujeito individualmente. Os escritores dizem que empoderamento se refere a dar potencialidade criativa a um indivíduo, como a um grupo em que ele está inserido. Em virtude da situação mencionada, podemos concluir que o empoderamento pode ocorrer de forma isolada quando apenas um indivíduo alcança o poder e também quando ele e o grupo que faz parte desenvolve todas as suas potencialidades alcançando juntos esse mesmo privilégio. Temos que frisar que na concepção freiriana o ato de empoderar não é apenas psicológico e individual, e sim um ato social de cunho político porque o ser humano é visto de forma integral e em coletividade em relação a sua conscientização e liberdade.

Regina Helena (34 anos) conta que se sente muito realizada com a conclusão dos estudos:

Eu to feliz e realizada sabe. Falei que ia estudar e estudei. Acreditei em mim e conquistei. Minha relação com meus amigos mudou também, agora eu sei me expressar melhor, até com minha família, por incrível que pareça também mudou nesse aspecto. Só que ainda falta, pra estar totalmente realizada nos

meus estudos, uma faculdade. Mas eu ainda não me encontrei no que quero estudar ou trabalhar, cada dia eu quero uma coisa, eu penso uma coisa. Mas eu ainda tenho tempo, porque agora não poderia fazer uma faculdade, meu salário não comporta isso. Só que eu acredito que as coisas vão melhorar futuramente, porque eu gosto de estudar, a sala de aula é uma família onde todos se ajudam, são amigos (BASTOS, 2011, p. 93).

Berth (2019), defende que a Teoria do Empoderamento faz um resgate das potencialidades massacradas pelo sistema de opressão, e que através de um trabalho social de conscientização a respeito de potencialidades individuais e coletivas dos indivíduos pode se criar formas de emancipação intelectual.

- **Construir consciência crítica: de gênero, raça, machismo, papel da mulher e da família**

Neste tópico se encontram alguns relatos de mulheres estudantes da EJA que conseguiram vencer barreiras para estudar. São mulheres que conseguiram romper com a barreira de gênero e patriarcado e com sua força foram conseguindo dividir as tarefas domésticas entre todos os integrantes do núcleo familiar, não deixando somente para si o cuidado do lar. Mulheres que fazem sua voz ser ouvida, que se tornam donas do próprio corpo, que lutam pela igualdade no mercado de trabalho e pela igualdade de gênero e raça. Mulheres que alcançaram principalmente uma consciência mais crítica pelo EJA.

O empoderamento da mulher negra passa pela valorização das suas características estéticas como cabelo, cor de pele, como vemos no relato de Maria Tina (45 anos):

Eu sempre fui muito cheia de cismas. Cisma comigo mesma, com meu corpo. Vergonha de ser negra, de ter cabelo ruim, de ser magra demais. Já vesti duas calças, uma por cima da outra para dar mais volume nas pernas. Mas com o tempo eu fui me cuidando e vi que ser negra é lindo. Eu sou bonita. E meu marido é loiro do olho azul, meus filhos brancos. E se ele se casou comigo é porque viu alguma coisa em mim, né? (risos) Mas assim, mesmo me aceitando fisicamente ainda me sentia inferior por dentro. Quando soube que tinha EJA nessa escola, porque vi uma moça passando de uniforme, nem acreditei. Primeiro eu confirmei se não tinha mesmo que pagar nada. Depois fiz minha matrícula.... Nossa! Estudar aqui, onde aquelas meninas ricas

estudavam, mostrou que sou gente igual qualquer um. Então tem um valor agregado. Não é só estudar aqui, é estudar onde só rico, branco estudava! (BASTOS, 2017, p. 142).

Uma das formas da mulher negra aceitar o seu corpo assim como ele é acontece através da representatividade. A representatividade é quando se encontra um sujeito com as mesmas características dos indivíduos pertencentes às minorias. A representatividade para a mulher negra é fundamental para ela ver um igual a ela ocupando um alto cargo, tendo um cabelo igual ao dela, a cor de pele e origem social faz com que as minorias se sintam representadas e desenvolvam orgulho da sua aparência.

Quando falamos em representatividade em relação a mulheres negras, não estamos nos referindo a trocar uma mulher de outra raça por uma mulher negra mesmo que essa última não tenha competência para tal coisa. O que estamos querendo dizer aqui são de pessoas com o mesmo nível de competência que não conseguem alcançar determinados cargos de liderança por causa do racismo estrutural, que faz com que a branquitude sempre ocupe os cargos mais altos, principalmente se essa posição for um cargo proveniente de indicação. O empoderamento é quando juntamos força para lutar em prol de uma mudança social. A mulher negra tem que saber as causas e consequências de viver em meio ao racismo para assim lutar contra essa forma de opressão.

O empoderamento feminino é uma necessidade de muitas mulheres que têm em suas vidas a marca do machismo dentro do seu próprio lar. Os companheiros que praticam tais atitudes têm por hábito trazerem para si a responsabilidade de trabalhar fora de casa e sustentar o lar e a mulher e com isso, fica destinada a função de cuidado com os filhos e dos afazeres domésticos. Se utilizando da desculpa de ser muito ciumento, estes companheiros proíbem as mulheres da convivência familiar, social e escolar, restringindo assim, seus amigos caso um dia esta mulher necessite de uma rede de apoio para sair desta relação tóxica (ALVES, 2021).

Maria Tina (45 anos) comenta como funciona sua organização familiar e como isso ficou com os seus estudos:

Lá em casa sempre ensinei o seguinte: onde está escrito que por eu ser a mãe e a esposa que eu tenho que fazer tudo? Tudo

sempre foi dividido. Cada um com a sua obrigação. Porque se eu trabalho, pago contas, ponho a comida dentro de casa, tenho minha profissão, por que eu é que tenho que fazer? Meu marido é eletricitista, meu filho é moto boy e minha filha atendente. E eu diarista. Todo mundo trabalha. Então todo mundo tem obrigação. Isso nunca foi sofrimento porque sempre ensinei assim. Então a gente se entende. Mas quando voltei a estudar, durante a semana eles todos estavam em casa à noite. Aí eles tiveram que arcar com o que eu é que fazia, por exemplo, a janta. Eu mexia em casa só fim de semana (BASTOS, 2017, p. 143).

Ao ler a pesquisadora de educação, Carmem Lucia Eiterer sobre as desigualdades e diferenças de gênero, vemos que ela se utiliza dos dizeres de Sorj para explicar que existe uma espécie de norma que associa o feminino ao lado doméstico, aos cuidados ligados à família. Portanto, as mulheres que participaram da entrevista, para conseguirem retornar a estudar tiveram que negociar em casa as suas responsabilidades, assim coordenando as obrigações de mãe, esposa, filha, dona de casa, estudante, trabalhadora, entre outras (EITERER; COURA; DIAS, 2014).

Ferreira (2017) traz a reflexão de Lourdinha (53 anos):

A desigualdade existe, mas nós somos mulheres e nós vencemos tudo, se vira, tanto que tamo voltando pra escola, já foi o tempo que a mulher não podia estudar, a mulher não podia trabalhar, a mulher não podia escolher o que ia fazer com o próprio corpo, hoje em dia você tem meio, mas tem gente também reclamando, entendeu? A desigualdade sempre vai existir, mas eu, na minha capacidade, meu modo de ver, eu posso superar, porque a desigualdade vai me atingir a partir do momento que eu quiser, se eu não quiser ela não vai me atingir, tudo, tudo é concorrido hoje em dia, mas o que vai valer hoje em dia é o homem que tá pensando em nada e a mulher que tá estudando. Tanto que presidente da república é mulher, já foi presa, foi maltratada, já foi humilhada, mas a garra dela, mesmo de todos os problemas que ela tá passando, você não vê a Dilma triste, a Dilma é exemplo pra nós mulheres (LOURDINHA, GD2, transcrição, linhas 169- 179). (FERREIRA, 2017, p. 205).

Oliveira (2001) afirma que o estudante da EJA se adentra no mundo do trabalho e das relações interpessoais de modo diferente que a criança e o adolescente, porque carrega em si uma história complexa de experiências, conhecimentos acumulados, ponderações sobre si mesmos, sobre o outro e o mundo em volta. No mesmo sentido, a mestra em educação Ana Cláudia Ferreira

Godinho em seu texto, Contribuições do pensamento Freireano para a escolarização de mulheres trabalhadoras na educação de jovens e adultos (2017), afirma que perante a diversidade de sujeitos integrantes das turmas de EJA e de suas experiências e saberes não escolares, é recomendável olhar para as mulheres como sujeitos com especificidades diferentes das dos homens no que diz respeito a negação ao direito à educação, ao trabalho entre outros que envolve as questões sociais, econômicas, políticas e culturais.

Machismo estrutural é não reconhecer as potencialidades femininas, que através do próprio esforço uma mulher pode chegar aos altos postos de comando na sociedade. Ainda conforme Alves (2019), o movimento de empoderamento feminino luta a favor dos direitos das mulheres para que elas possam participar ativamente nos debates e tomadas de decisões que ocorrem nos espaços sociais, políticos e econômicos, principalmente em relação a assuntos que são relacionados a elas. Este ainda é um desafio, como vemos na fala de Sandra (46 anos):

[...] essa diferença por exemplo, nos cargos, se você tem uma função e você em determinado lugar você tem um cargo grande eles chegam já te olhando, como quem diz assim “uhmm isso aqui não vai prestar”. Eles não esperam nem você mostrar quem você é, se chega pra você, é um chefe, ele chega com autoridade porque você está em um cargo que ele acha que manda muito mais em você do que em um homem, que chega ele dá boa tarde, aperta a mão, senta, vamos conversar, com você a conversa é diferente: “boa tarde, senta aí oh... o que eu quero é isso, isso, isso, eu preciso disso, disso e disso...” Até as falas são diferentes, então pra mim quando fala na igualdade da gente ser mulher é você exigir, você saber se portar e dar continuidade ao que você quer (SANDRA, 46 ANOS, GD1, transcrição, linhas 294 - 303) (FERREIRA, 2017, p. 206).

A Pesquisadora de EJA Eiterer e Bastos, na pesquisa de doutorado, Trabalho doméstico, EJA e relações de gênero, ao citar a definição de gênero de Carvalho (2009) nos mostra que gênero é uma estrutura simbólica que faz parte de um sistema de dominação masculina em que a mulher é inferiorizada. Para a autora, o que importa não é a diferença sexual que é a biológica, é sim as diferenças sociais e culturais que existem entre o ser homem e o ser mulher, que levam a ideias de que a mulher é mais sensível para algumas tarefas, de

que não tem capacidade para exercer cargos de chefia por ser menos inteligência, por exemplo (EITERER, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho buscamos abordar o papel da escola na vida das mulheres estudantes da EJA. Nesse sentido retorno aos meus três objetivos de pesquisa: em primeiro lugar, descobrir quais foram os problemas que as mulheres enfrentaram e enfrentam, ou seja, os obstáculos para estudar, em segundo lugar, descobrir por qual razão as mulheres voltam à escola para estudar, e por último tentar identificar se a EJA atua como forma de empoderamento na vida dessas mulheres.

Em relação ao primeiro objetivo, por meio das pesquisas se evidenciou que foram diversos obstáculos vividos na infância que foram empecilho para a alfabetização na “idade dita como a certa”. Para muitas dessas educandas da EJA essas dificuldades continuam, só que agora somadas a outras próprias da vida adulta.

A vulnerabilidade socioeconômica se destaca entre os impedimentos para se estudar porque a prioridade é conseguir alimentação, e para isso essas mulheres acabam se inserindo no mercado de trabalho ainda na infância como empregada doméstica devido a pouca escolarização. Na vida adulta, essas mesmas mulheres esbarram na falta de dinheiro para se deslocar até o ambiente escolar e se alimentar durante as aulas, visto que muitas saem do trabalho direto para a escola.

O trabalho doméstico é muito cansativo, principalmente para as mulheres que têm que morar na casa dos patrões, suas vidas são regidas pela casa onde prestam serviços, tendo de acordar antes dos patrões para preparar o café da manhã e ir dormir depois de todos os integrantes da residência. Essa situação se agrava se além de ser mulher, de baixa renda, ela for negra devido o racismo que vem de um processo histórico cultural tratar essas trabalhadoras como mão de obra barata que não precisam de ter acesso aos seus direitos trabalhistas e para conseguir isso, os patrões as iludem com os dizeres que são como membros da família para convencê-las.

Outra barreira enfrentada está relacionada a questão de gênero ligada ao patriarcado, em que a mulher é considerada a responsável pelo cuidado de todos do núcleo familiar, da casa e também sendo a única culpada caso ocorra com ela uma gravidez precoce. Isso não ocorre com os homens.

Ao pesquisar o segundo objetivo, as razões que motivaram as mulheres a estudar, ficou provado que essas mulheres jovens e adultas buscam uma melhor colocação no mercado de trabalho, com melhor remuneração, e em muitos casos até conseguir o primeiro emprego que foi impossibilitado por não ter estudado. Muitas dessas mulheres ao retornar ao ambiente escolar buscam realizar o sonho de tirar a Carteira Nacional de Habilitação, fazer uma faculdade, um curso técnico para conseguir a sua independência.

Ainda em relação às motivações para voltar aos bancos da escola se encontra o resgate da autoestima por não saber ler e escrever, ter pouco assunto para conversar, ter pouco convívio social com pessoas fora do lar e do trabalho.

O terceiro objetivo mostrou que a EJA é um espaço para o empoderamento de mulheres por ser a base da realização de sonhos como o de prestar um concurso público, conseguir um emprego melhor, a ampliação dos estudos e a conquista do diploma.

Concluimos que as educandas da EJA também conseguiram se empoderar “dentro de si mesmas” ao conquistar sua autonomia, maturidade e habilidades que não sabiam que tinham como o dom para a escrita ou trabalhar em grupo.

Durante o curso da EJA, essas estudantes adquiriram consciência crítica em relação a gênero, classe social, raça entre outros. Isso também ocorreu comigo, graças aos estudos.

No desenrolar desta pesquisa percebemos a necessidade de estudos futuros, a respeito do trabalho doméstico, relacionado a mulheres negras solteiras, principalmente as que moram nas casas onde trabalham. Será que seu emprego atrapalha a sua vida afetiva ou é apenas uma opção?

Ainda em relação às mulheres negras que moram com os patrões, é necessária uma investigação sobre trabalho análogo a escravidão, porque em virtude dos fatos mencionados nesta pesquisa, muitas dessas mulheres não possuíam nenhum direito trabalhista, trabalham em troca de pequenas remunerações, sem horário fixo de trabalho e de descanso, dormindo em espaços minúsculos, tendo comida, pratos e talheres separados dos patrões.

Precisa-se também de um trabalho de aprofundamento em relação ao empoderamento, seja especialização ou mestrado com foco só nas mudanças de vida. Talvez seja interessante e necessário saber se esse empoderamento

realmente aconteceu na vida das ex-educandas da EJA. Também existe a necessidade de pesquisar a respeito da mulher surda, negra, trabalhadora doméstica.

Gostaria de mencionar a importância deste trabalho para minha formação enquanto futura pedagoga e também como pessoa, como um ser inacabado. Falar sobre gênero e classe social foi um pouco mais tranquilo, devido fazer parte da minha vivência. Confesso que a minha maior dificuldade durante a escrita foi falar sobre racismo porque não tinha nenhum domínio sobre o assunto, nunca senti na pele o racismo apesar de já ter presenciado por diversas vezes, pessoas que camuflam seus atos com dizeres que foi uma brincadeira. Para mim, nenhuma brincadeira pode inferiorizar a outra pessoa e nem provocar sofrimento.

Compreendi que o racismo não faz distinção de gênero e nem classe social. Eu enquanto mulher branca reconheço o privilégio que tenho de não ser atacada com injúrias racistas, percebo o papel de relevância que tenho junto das pessoas brancas levantando a minha voz ou escrevendo porque posso chegar aos ouvidos de pessoas que uma negra ou negro não tem acesso. Tenho em mim a crença que todas as pessoas devem ser tratadas com igualdade.

Eu enquanto mulher branca, me considero responsável pelo racismo porque todas as pessoas brancas se beneficiaram do processo de escravização e por isso devemos também nos responsabilizar pelo fim do racismo. Quando apenas pessoas negras levantam a voz para acabar com a discriminação racial, parece que as pessoas brancas não tem responsabilidade na luta contra o racismo. Já presenciei inúmeras pessoas brancas dizendo que “não são racistas”, por que será que em vez disso não usa o seu poder de fala junto a outras pessoas brancas para dizer da dor causada pelo racismo que é uma ferida aberta na sociedade?

Para finalizar deixo aqui algumas reflexões a partir de Paulo Freire (1983) sobre as qualidades que nós educadoras e educadores devemos possuir para uma melhor prática pedagógica de forma crítica e consciente: Em primeiro lugar, a humildade que vem da relação de respeito entre nós mesmos e os outros sujeitos. Em segundo lugar, a amorosidade por todo o processo educacional e principalmente pela educanda e educando. Em terceiro lugar, a tolerância que nos ensina a respeitar as diferenças entre os sujeitos.

REFERÊNCIAS

ALVES, Yasmin Cardoso. **Trajetória de vida de mulheres da EJA: o papel da escola no empoderamento feminino**, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/199212> Acesso em: 5 de fevereiro de 2022

BASTOS, L. C. ; EITERER, Carmem L. . Trabalho doméstico, EJA e relações de gênero. In: 4 Congresso Género y Sociedad: De pedagogías, políticas y subjetividades: recorridos y resistencias, 2016, Córdoba. **Anais**. Córdoba: Universidad de Córdoba, 2016.

BASTOS, L. C. ; EITERER, Carmem L. . Trabalho doméstico, relações de gênero e educação de adultos. **TRABALHO & EDUCAÇÃO (UFMG)** , v. 27, p. 223-243, 2018.

BASTOS, Ludimila Corrêa. **Trabalho doméstico, relações de gênero e educação: um estudo com educandas/os da EJA** (2017),

BASTOS, Ludimila Corrêa. **Traçando metas, vencendo desafios: experiências escolares de mulheres egressas na EJA**. 2011. 134 f.

BASTOS, Ludimila Corrêa; EITERER, Carmem Lucia. Reconfiguração das relações de gênero e cotidiano das mulheres educandas da EJA. **Educação e Formação**, Fortaleza, v. 2, n. 6, p. 42 – 53,/ dez. 2017.

BASTOS, LUDIMILA; EITERER, CARMEM. Educação de jovens e adultos e interseccionalidade: mulheres negras e idosas, trabalhadoras e estudantes. **REVISTA DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO**, v. 9, p. 443-465, 2021.

BERTH, Joice. **Empoderamento** / Joice Berth. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 184 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

BRASIL. Caderno 1 MEC/SECAD. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos: Alunas e Alunos da EJA**. 2006.

CARRANO, Paulo (Diretor). **“Fora de série”** (Documentário) – Material Audiovisual. Observatório Jovem do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), 2018.

DIP, Andreia. **Existe ideologia de gênero?** Pública: agência de jornalismo investigativo. s/l, s/p, 30 de agos. 2016.

EITERER, Carmem L. ; Coura, M. ; DIAS, J. D. . Aspectos da escolarização de mulheres na EJA. **Perspectiva (UFSC)** , v. 32, p. 161-180, 2014.

FERREIRA, Maria José de Resende. Interdições e resistências: os difíceis percursos da

FOLHA DE SÃO PAULO. **Negros são 71,7% dos jovens que abandonam a escola no Brasil.** 15 Jul 2020.

FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: O Cotidiano do Professor.** Rio de Janeiro: Paz e Terra: 1987.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler, em Três Artigos que se Completam.** São Paulo: 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários a Prática Educadora.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GODINHO, Ana Cláudia Ferreira; NORONHA, Ana Catharina Mesquita; BRANDÃO, Nágela Aparecida. Contribuições do pensamento freireano para a escolarização de mulheres trabalhadoras na educação de jovens e adultos. **INTER-AÇÃO** (UFG. ONLINE) , v. 1, p. 20-36, 2017.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: Ricardo Henriques. (Org.). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal no. 10.639/03.** 'ed. Brasília: SECAD/MEC, 2005, v. , p. 39-62.

LEAL, Maristela Pereira. **As inter-relações entre discriminação racial, de gênero e exclusão social na trajetória de mulheres negras da EJA.** 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado)

LEAL, Verônica de Oliveira. **Sempre queremos aprender: a EJA e o empoderamento da mulher na educação pública de Teresina (PI).** 2018. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernado Fonseca; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola.** São Paulo: Editora Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula** :in: História das mulheres no Brasil. DEL PRIORI, Mary (org.): 9º edição . São Paulo :contexto,2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Cuidar de quem cuida de idosos dependentes: por uma política necessária e urgente. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro v.26, p. 7-15, 2021.

NERES, Efigênia Alves. **Histórias que se cruzam na EJA: as Trajetórias de Vida de Mulheres Afrodescendentes de Sucesso Educacional.** Dissertação (Mestrado em Educação). 188 f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2020.

SILVA, Maria Rita; TENORIO, Aleir Ferraz; VENANCIO, Wiviane Lopes. A escolarização de jovens e adultos: a educação de jovens e adultos em Aparecida de Goiânia. **Revista Espaço Crítico**, V. 2, p. 1-24, 2021.

SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Caderno da Fucamp**. s/l. v.20, n. 43, p. 64-83/ 2021.

VALE, Maria José; JORGE, Maria Gonçalves; BENEDETTI, Sandra. Paulo Freire, **Educar Para Transformar**: Almanaque Histórico. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

VIGANO, Samira de Moraes Maia; Laffin, Maria Hermínia Lage Fernades. A educação de jovens e adultos como um espaço de empoderamento das mulheres. **EJA em debate**. v. ano 5, p. 12-28, 2016.



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS

Documento Digitalizado Público

Versão final de TCC 2

Assunto: Versão final de TCC 2

Assinado por: Daniela Rezende

Tipo do Documento: Documentos

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Público

Tipo do Conferência: Documento Original

Documento assinado eletronicamente por:

- **Daniela Rodrigues de Rezende, TECNICO DE LABORATORIO AREA**, em 05/04/2023 09:11:28.

Este documento foi armazenado no SUAP em 05/04/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 413434

Código de Autenticação: 0148ab9fdf

